

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Teresa Cristina Aliperti França Domingues

Papel da família na formação leitora: desafios e perspectivas

DOUTORADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

São Paulo

2025

Teresa Cristina Aliperti França Domingues

Papel da família na formação leitora: desafios e perspectivas

Tese apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em **Literatura e Crítica Literária**, sob a orientação da **Profa. Dra. Diana Navas**.

São Paulo

2025

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Aliperti França Domingues, Teresa Cristina
Papel da família na formação leitora: desafios e
perspectivas. / Teresa Cristina Aliperti França Domingues.
- São Paulo: [s.n.], 2025.
98p. ; cm.

Orientador: Diana Navas.
Tese (Doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária.

1. Família. 2. Escola. 3. Professor. 4. Texto literário.
I. Navas, Diana . II. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária. III. Título.

CDD

Teresa Cristina Aliperti França Domingues

Papel da família na formação leitora: desafios e perspectivas

Tese apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em **Literatura e Crítica Literária**, sob a orientação da **Profa. Dra. Diana Navas**.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diana Navas – PUCSP

Prof. Dr. Ricardo Celestino – PUCSP

Profa. Dra. Márcia Fusaro – UNINOVE

Profa. Dra. Elisabete Alfeld – PUCSP

Profa. Dra. Samanta Barreto Matos de Souza – SEDUC-MA

Ao meu marido, filhas, genros, neta e neto,
por tornarem meu mundo mais humano e significativo.

A todas as crianças e jovens,
que merecem uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Código de financiamento 8887.799527/2022-00.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, meu marido, Marcio, e às minhas filhas, Paola, Rafaela e Manoela, que, à sua maneira, contribuíram para a realização desse homérico projeto de vida, por fazerem parte da minha existência e por acreditarem nos meus sonhos.

À minha orientadora, Professora Doutora Diana Navas, por incentivar meu trabalho e contribuir na realização da tese.

A todos os integrantes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária.

Aos alunos de quem tive e tenho a honra de ser professora, por compartilharmos nossas experiências, vivências, conhecimentos, afetos e humanidade.

Ou isto ou aquilo

*Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.
(Cecília Meireles, 1964)*

RESUMO

ALIPERTI, Teresa Cristina. **Papel da família na formação leitora:** desafios e perspectivas. 2025. 98p. Tese (Doutorado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

A escola, juntamente com a família e o professor, desempenha papel fundamental na formação de leitores. Mas, constatamos que essa formação não está ocorrendo como deveria no ambiente escolar de acordo com os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA 2022), e da 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024). Partimos da hipótese de que o leitor literário é formado a partir de ações promovidas pela escola, família, professor e outros agentes, os quais precisam atuar sinergicamente e de modo contínuo. Apesar de reconhecer a importância da sinergia entre todos os envolvidos, acreditamos no protagonismo da família como elemento chave nesse processo e que, portanto, precisa ser fortalecido para que formemos leitores para a vida. Para que isso ocorra, é vital a realização concomitante de ações – na esfera de políticas públicas – que atuem na formação do professor e da gestão escolar e na conscientização e formação das famílias como mediadoras de leitura. Objetivamos, com a presente investigação, propor ações que contribuam para a mudança desse panorama; lançando sugestões de práticas passíveis de serem implementadas e que auxiliem na formação do leitor literário. A pesquisa, de cunho bibliográfico, qualitativa e baseada no pensamento hipotético dedutivo, está organizada em três capítulos. "Leitura e leitura literária: o papel da família na formação do leitor" aborda concepções como a de leitura, leitura literária, literatura, leitor literário, formação do leitor e o papel da família no processo de formação do leitor, além do panorama do cenário brasileiro em relação à leitura. Para a realização desse intento, recorremos a autores como Desmurget (2023), Manguel (2004) e Candido (2011). "Leitura literária e o desenvolvimento cognitivo" investiga o papel da família no desenvolvimento cognitivo da criança desde o nascimento e o desenvolvimento da linguagem. As concepções de Suskind (2022), Desmurget (2023) e Wolf (2019) foram de grande valia para o entendimento do funcionamento cognitivo infantil, do desenvolvimento da linguagem e do relevante papel da família nesse processo. "O papel da família na formação do leitor literário", por sua vez, discute práticas e estratégias que auxiliam as famílias a ocupar seu papel de protagonistas no processo de ensino-aprendizado de seus filhos, assim como no processo de formação do leitor literário. Sagan (2006), Petit (2008; 2009) e Aliperti (2015) contribuem para a fundamentação das ideias aqui propostas. Concluímos que a escola continua a ser peça fundamental na formação do cidadão e do leitor literário, porém, juntamente com a parceria indispensável da família.

PALAVRAS-CHAVE: família, escola, professor, leitor, texto literário, políticas públicas.

ABSTRACT

ALIPERTI, Teresa Cristina. **The role of the family in reader development: challenges and perspectives 2025.** 98p. Thesis (Doctorate in Literature and Literary Criticism) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

The school, together with the family and the teacher, plays a fundamental role in the development of readers. However, we note that this development is not occurring as it should in the school environment according to the latest results of the Programme for International Student Assessment (PISA 2022) and the 6th edition of the "Retratos da Leitura no Brasil" (Portraits of Reading in Brazil) survey (2024). We hypothesize that the literary reader is formed through actions promoted by the school, family, teacher, and other agents, who need to act synergistically and continuously. Despite recognizing the importance of synergy among all involved, we believe in the protagonism of the family as a key element in this process and that, therefore, it needs to be strengthened so that we form readers for life. For this to occur, the concomitant implementation of actions – in the sphere of public policies – that act on the training of teachers and school management, and on the awareness and training of families as reading mediators is vital. The objective of this investigation is to propose actions that contribute to changing this panorama, offering suggestions for practices that can be implemented and that help in the development of the literary reader. The research, of a bibliographic and qualitative nature, and based on hypothetical-deductive reasoning, is organized into three chapters. "Reading and literary reading: the role of the family in reader development" addresses concepts such as reading, literary reading, literature, literary reader, reader development, and the role of the family in the reader development process, in addition to an overview of the Brazilian scenario in relation to reading. To carry out this endeavor, we draw upon authors such as Desmurget (2023), Manguel (2004), and Candido (2011). "Literary reading and cognitive development" investigates the role of the family in the child's cognitive development from birth and the development of language. The conceptions of Suskind (2022), Desmurget (2023), and Wolf (2019) were of great value for understanding child cognitive functioning, language development, and the relevant role of the family in this process. "The role of the family in the development of the literary reader," in turn, discusses practices and strategies that help families to occupy their role as protagonists in their children's teaching-learning process, as well as in the process of literary reader development. Sagan (2006), Petit (2008; 2009), and Aliperti (2015) contribute to the foundation of the ideas proposed here. We conclude that the school continues to be a fundamental piece in the formation of the citizen and the literary reader, but together with the indispensable partnership of the family.

Keywords: family, school, teacher, reader, literary text, public policies.

RÉSUMÉ

ALIPERTI, Teresa Cristina. **Rôle de la famille dans la formation du lecteur**: défis et perspectives. 2025. 98p. Thèse (Doctorat en Littérature et Critique Littéraire). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

L'école, conjointement avec la famille et l'enseignant, joue un rôle fondamental dans la formation des lecteurs. Cependant, nous constatons que cette formation ne se déroule pas comme elle le devrait dans l'environnement scolaire, selon les derniers résultats du Programme International pour le Suivi des Acquis des Élèves (PISA 2022) et de la 6^e édition de l'enquête : "Portraits de la Lecture au Brésil" (2024). Nous partons de l'hypothèse que le lecteur littéraire se forme à partir d'actions promues par l'école, la famille, l'enseignant et d'autres agents, qui doivent agir en synergie et de manière continue. Bien que nous reconnaissons l'importance de la synergie entre tous les acteurs impliqués, nous croyons au rôle de premier plan de la famille comme élément clé de ce processus et que, par conséquent, elle doit être renforcée afin que nous formions des lecteurs pour la vie. Pour que cela se produise, il est vital de mener conjointement des actions – dans la sphère des politiques publiques – qui agissent sur la formation des enseignants et de la gestion scolaire, ainsi que sur la sensibilisation et la formation des familles en tant que médiatrices de lecture. Notre objectif, avec la présente investigation, est de proposer des actions qui contribuent au changement de ce panorama, en lançant des suggestions de pratiques susceptibles d'être mises en œuvre et qui aident à la formation du lecteur littéraire. La recherche, de nature bibliographique et qualitative, et basée sur la pensée hypothético-déductive, est organisée en trois chapitres. « Lecture et lecture littéraire : le rôle de la famille dans la formation du lecteur » aborde des conceptions telles que la lecture, la lecture littéraire, la littérature, le lecteur littéraire, la formation du lecteur et le rôle de la famille dans le processus de formation du lecteur, en plus du panorama de la situation brésilienne en matière de lecture. Pour mener à bien cette entreprise, nous avons recours à des auteurs tels que Desmurget (2023), Manguel (2004) et Candido (2011). « Lecture littéraire et développement cognitif » examine le rôle de la famille dans le développement cognitif de l'enfant dès la naissance et le développement du langage. Les conceptions de Suskind (2022), Desmurget (2023) et Wolf (2019) ont été d'une grande utilité pour la compréhension du fonctionnement cognitif infantile, du développement du langage et du rôle pertinent de la famille dans ce processus. « Le rôle de la famille dans la formation du lecteur littéraire », quant à lui, discute des pratiques et des stratégies qui aident les familles à assumer leur rôle de protagonistes dans le processus d'enseignement-apprentissage de leurs enfants, ainsi que dans le processus de formation du lecteur littéraire. Sagan (2006), Petit (2008 ; 2009) et Aliperti (2015) contribuent à la fondation des idées ici proposées. Nous concluons que l'école continue d'être un élément fondamental dans la formation du citoyen et du lecteur littéraire, mais conjointement avec le partenariat indispensable de la famille.

Mots-clés: famille, école, enseignant, lecteur, texte littéraire, politiques publiques.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 LEITURA E LEITURA LITERÁRIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	16
1.1 Leitura e leitura literária.....	16
1.2 Literatura e leitor literário	23
1.3 Panorama do cenário brasileiro em relação à leitura	30
1.3.1 Resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) 2022.....	31
1.3.2 Retratos da Leitura no Brasil: análise dos resultados de 2024	32
1.4 Importância da família no processo de formação do leitor	35
1.5 É possível despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura?	36
2 LEITURA LITERÁRIA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....	46
2.1 O papel da família no processo cognitivo da criança	46
2.2 O papel da família no desenvolvimento da linguagem.....	58
3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	63
3.1 Reunião de pais: sensibilização e formação dos familiares	63
3.2 Apresentação das práticas de leitura	65
3.2.1 O diálogo com os pais: espaço de construção	66
3.2.2 Acervo de livros no ambiente familiar	73
3.2.3 Importância dos programas culturais	74
3.2.4 Importância das bibliotecas e livrarias	76
3.2.5 Leitura de livros nas férias escolares.....	78
3.3 Papel do professor, da escola e da família na formação do leitor literário	79
3.3.1 Comunidade leitora na escola	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICES – Testemunhos de pais de alunos	91

INTRODUÇÃO

Em 2006, ingressei como professora efetiva do ensino fundamental I na Rede Pública Estadual de Educação de São Paulo. Desde então, tenho constatado a falta do hábito e prazer da leitura na grande maioria dos alunos, o que, na verdade, representa pequena amostra de um problema que atinge grande parte de nosso país. Hábito aqui compreendido não como mera repetição ou ato mecânico, mas como necessidade, prazer que faz parte do sujeito, da sua vida. Desenvolvo um trabalho voltado à formação do leitor e do leitor do texto literário, por meio de atividades sistemáticas de práticas de leitura, que incluem as famílias, combinado e enriquecido com visitas a livrarias, bibliotecas e programas culturais.

A leitura perpassa todas as disciplinas do currículo escolar e serve de base indispensável para a compreensão e interpretação de todos os conteúdos trabalhados na escola e nos contextos sociais e de vida da criança, do jovem e do adulto. Consequentemente, é a chave para a formação do leitor e do leitor literário, que se beneficiará da leitura literária para a sua formação cidadã.

Sabemos que a literatura conta a história da essência humana, por isso, humaniza o sujeito e, ao mesmo tempo, propicia um processo de reflexão que permite atuar de maneira ativa na sociedade em que esteja inserido. Dessa forma, a boa literatura faz o leitor pensar. De acordo com Colomer (2003, p. 133),

A literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva. O papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de estabelecer a representação da realidade, que a obra pretendeu construir, mais do que ensinar princípios ou categorias de análise. A competência literária derivaria, assim, 'do legado das satisfações passadas', nas palavras de Bretton.

Segundo Antonio Candido, no texto "O direito à Literatura" (2011), a literatura corresponde a uma necessidade universal, além de ser fator indispensável de humanização. Fica clara, assim, a importância da literatura no processo de desenvolvimento e humanização do ser humano.

Por mais que esteja comprovado, por meio de várias pesquisas, que a escola exerce um papel importante na formação de leitores, sem o apoio da família não

formaremos leitores para a vida. O trabalho com a família se faz necessário, por meio do acolhimento, apoio, orientação e formação na área da leitura e literatura, para que possam entender a importância da leitura e da literatura no processo de humanização e de formação do ser humano. Precisamos trazer a família de volta como protagonista desse processo e resgatar seu papel como formador primordial da criança e do jovem.

Partimos da hipótese de que o leitor literário é formado a partir de ações promovidas pela escola, família, professor e outros agentes, os quais precisam atuar sinergicamente e de modo contínuo na formação do leitor. Entretanto, apesar de reconhecer a importância da sinergia entre todos os agentes envolvidos no processo de formação leitora, acreditamos no protagonismo da família como elemento chave nesse processo e que, portanto, precisa ser fortalecido para que formemos leitores para a vida. Para que isso ocorra, entretanto, é vital a realização concomitante de ações – na esfera de políticas públicas – que atuem na formação do professor, na formação da gestão escolar e na conscientização e formação das famílias como mediadoras de leitura.

Sabe-se que a escola, juntamente com a família e os professores, desempenha papel fundamental na formação de leitores. Mas, constatamos, infelizmente, que essa formação não está ocorrendo como deveria no ambiente escolar, de acordo com os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA 2022), e da 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024. Cabe ressaltar que o ônus dessa situação não cabe somente ao professor, pois ele não é nem deveria ser o único responsável pelo processo de formação de leitores. Portanto, objetivo, com minha investigação, a partir da análise do atual cenário da educação brasileira em relação à leitura, propor ações que contribuam para a mudança desse panorama; sugestões de práticas passíveis de serem implementadas e que auxiliem na formação e atuação sinérgica dos agentes envolvidos no processo de formação do leitor literário

Acreditamos ser importante enfatizar que não podemos responsabilizar apenas um agente pela tarefa da formação de leitores, tal como ocorre há anos em relação ao papel do professor nesse processo. Por isso, a importância da presente pesquisa, trazendo um novo olhar para o panorama brasileiro em relação à leitura, pontuando a relevância do protagonismo da família no processo de formação do leitor e da necessidade de oferecermos formação às famílias na área da leitura e da literatura, durante, por exemplo, as reuniões de pais, realizadas na escola ao longo do ano letivo.

Importante ressaltar a parceria criada ao longo desse processo entre professor, alunos e pais que, juntos, trabalham com o objetivo de formar leitores e cidadãos.

Com o objetivo de contribuir na melhora da situação encontrada atualmente no Brasil na área da formação leitora, a tese está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado "Leitura e leitura literária: o papel da família na formação do leitor", aborda concepções como a de leitura, leitura literária, literatura, leitor literário, formação do leitor e o papel da família no processo de formação do leitor. O capítulo aborda também o cenário brasileiro em relação à leitura, valendo-se dos resultados do Programa de Avaliação de Estudantes (PISA 2022) e da análise dos resultados da 6ª edição do Retratos da Leitura no Brasil (2024). Para a realização desse intento, recorreremos a autores como Desmurget, Freire, Aliperti, Petit, Manguel, Bloom, Sagan, Colomer, Candido, Pereira, Martins, Wolf, Calvino, Meira, Navas e Junqueira, cujas concepções acerca da leitura, leitura literária, literatura, leitor literário e família nos parecem fundamentais.

O segundo capítulo, "Leitura literária e o desenvolvimento cognitivo", investiga o papel da família no desenvolvimento cognitivo da criança desde o nascimento e o desenvolvimento da linguagem. As concepções de Suskind, Desmurget, Candido, Wolf, Debus e Gonçalves e Nussbaum foram de grande valia no processo de entendimento do funcionamento cognitivo infantil e no desenvolvimento da linguagem, além do relevante papel da família nesse processo, que começa na gestação e persiste após o nascimento da criança.

O terceiro capítulo, denominado "O papel da família na formação do leitor literário", por sua vez, discute práticas e estratégias que auxiliam as famílias a ocuparem seu papel de protagonistas no processo de ensino-aprendizado de seus filhos, assim como no processo de formação do leitor literário. Discute também a importância do trabalho holístico entre a família, a escola e o professor para que essas estratégias sejam colocadas em prática por todos os envolvidos de forma sistemática e contínua ao longo do ano escolar. Sagan, Petit, Machado, Desmurget, Aliperti, Freire, Candido, Castrillón e Bajour contribuem para a fundamentação das ideias aqui propostas.

Com este trabalho, almeja-se, por meio da discussão proposta, dar protagonismo as famílias por meio da oferta de conhecimentos teóricos e práticos para que, junto à escola, possam formar cidadãos capazes de exercer e usufruir de seus direitos e deveres.

1 LEITURA E LEITURA LITERÁRIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Não devemos acreditar, nos muitos que dizem que só as pessoas livres devem ser educadas, deveríamos antes acreditar nos filósofos que dizem que apenas as pessoas educadas são livres (Epicteto).

1.1 Leitura e leitura literária

Nos dias de hoje, fala-se muito a respeito dos benefícios da leitura e do livro. Leitura que não deve ser reservada a alguns privilegiados, mas, sim, ser acessível a todos, principalmente às nossas crianças e jovens. Marius Roustan, professor de letras e ministro da Instrução Pública Francesa, escreveu, em 1906, um manuscrito dedicado à "arte de escrever":

Razão, sensibilidade, imaginação, a leitura desenvolve todas essas faculdades e, ao mesmo tempo, aguça-as; ela lhes confere ao mesmo tempo mais amplitude e mais sutileza. Devemos a ela tesouros incalculáveis. [...] Leiam, leiam muito, vocês nunca lerão demais. [...] É preciso ler quando se é jovem. É preciso ler quando se envelhece (Roustan *apud* Desmurget, 2023, p. 15).

A leitura estrutura o pensamento, organiza o desenvolvimento do cérebro e ajuda a nos relacionarmos com o mundo. Dessa forma, ela abre caminhos que possibilitam as habilidades de pensar, refletir, raciocinar e entender a nós mesmos e aos outros, beneficiando, assim, as relações sociais. Conforme Desmurget (2023, p. 17), "[...] o brusco declínio dessa atividade nas novas gerações constitui um verdadeiro desastre para a fertilidade coletiva de nossa sociedade" (2023, p.17). O livro, formula o pesquisador especializado em neurociência cognitiva, propicia o desenvolvimento da criança nas dimensões intelectual, emocional e social:

Milhares de páginas cheias de reflexões profundas e sentimentos íntimos. Páginas das quais emerge a ideia de que os livros nos tornam melhores por sua capacidade de cultivar a mente, fertilizar a imaginação, reparar a psique, dissipar a solidão, derrubar o obscurantismo, fecundar a linguagem, preservar as memórias coletivas etc. (Desmurget, 2023, p. 14).

Faz-se necessário, entretanto, compreender em que consiste, efetivamente, a prática da leitura e como ela se delinea.

Podemos afirmar que aprendemos e começamos a ler não quando somos alfabetizados, como pensaria grande parte das pessoas. A aquisição da prática da leitura ocorre muito antes disso, a partir de nosso contexto pessoal, por meio das experiências que se iniciam no ambiente familiar e se estendem na escola, vivenciadas no dia a dia em razão do contato com diferentes pessoas e situações. Considerando que essas experiências serão levadas à escola, é necessário que sejam valorizadas para que possamos ir além, na busca de novas leituras.

Nesse aspecto, a curiosidade infantil, característica inerente a toda criança, é a mola propulsora, a qual ajuda a alimentar o imaginário no caminho da busca do desconhecido e, nessa busca, a descoberta do conhecimento de si própria. Com isso, queremos afirmar que, no decorrer das experiências de vida – pessoais, sociais e culturais –, o leitor se configura. Assim sendo, somente o conhecimento da língua não garante que a leitura se efetive. Para que o indivíduo possa ler o que desejar, é imprescindível que haja leituras que o habilitem, tais como a organização dos conhecimentos adquiridos, o estabelecimento de relações entre as experiências e a resolução dos problemas que possam surgir no convívio diário em diferentes situações.

Conforme incorporamos as diversas experiências de leitura, compreendemos o mundo, interagimos e convivemos com ele e podemos até chegar a modificá-lo. A falta ou precariedade do convívio humano e as condições incertas de vida, tanto em nível material como cultural, entretanto, interferem nas expectativas das pessoas, prejudicando sua aptidão para a leitura.

Por outro lado, pode-se afirmar que a educação, de uma maneira geral, e o aprendizado da leitura permitem a conquista da autonomia, a ampliação dos horizontes e uma postura de comprometimento que levarão o indivíduo a novas exigências, à ruptura com a passividade e ao enfrentamento de novas situações. É um ciclo que se alimenta da interação das condições internas e subjetivas e das externas e objetivas, fundamentais para o processo da leitura. Quais leituras são relevantes para as condições internas e externas? Podemos afirmar que as leituras literárias são relevantes para as condições internas e externas, pois garantem não só a transmissão do conhecimento, mas a descoberta das várias camadas de significados e sentidos propiciados pelo trabalho com a linguagem do texto literário, que vai além da decodificação das palavras, pois permite a apreciação estética, simbólica e artística da palavra. Consequentemente, a literatura propicia ao leitor se

transformar em um leitor ativo, criador, criativo, imaginativo, empático, reflexivo e crítico e, nesse processo, se formar como cidadão.

Mas, para que isso possa acontecer, faz-se necessário enfatizar a importância do diálogo em oposição à transmissão do conhecimento pelo professor no processo de formação do indivíduo. Freire (1976) afirma que a transmissão do conhecimento pode provocar a morte do próprio conhecimento. Segundo ele, a educação seria, assim, alicerçada na comunicação, no diálogo e no encontro de sujeitos em diálogo, com o propósito de se buscar significados para o saber e o pensar. Dessa forma, o diálogo constante entre os sujeitos possibilita a mediação pelo adulto no caminho da descoberta do mundo da leitura.

A leitura possibilita a elaboração do mundo interior e, conseqüentemente, a relação do indivíduo com o mundo exterior. Essa relação possibilita, por sua vez, o processo de significação do texto. A leitura pode, também, desempenhar um papel importante na elaboração da subjetividade, na construção de uma identidade singular e na abertura para novas sociabilidades (Aliperti, 2015, p. 16).

Corroborando essas ideias, Petit (2008) aponta que compartilhar histórias lidas ou contadas garante, às vezes, o sentimento de que os pertencimentos podem ser mais flexíveis, pois,

O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência – não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos se encaminhem no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra (Petit, 2008, p. 12).

A leitura propicia o aumento do vocabulário, do conhecimento geral e a melhoria dos processos de reconhecimento de palavras. Quanto mais o leitor lê, maior será o impacto na velocidade e na precisão da decodificação.

Entretanto, para que se realize uma leitura significativa, é necessário ir além da decodificação.

É imprescindível que o leitor decodifique e compreenda o que está lendo, pois decodificar sem compreender não leva a uma leitura da

realidade. Precisamos, assim, pensar a situação dialeticamente, tendo em mente sempre que a leitura é uma experiência individual, aberta a diferentes sensações, emoções e sentidos justamente porque as experiências são únicas (Aliperti, 2015, p. 14).

Frank Smith, psicolinguista norte-americano, corrobora essas ideias, ao considerar a leitura como um processo no qual o leitor participa com uma aptidão que depende, principalmente, de sua capacidade de dar sentido e compreender o que está lendo (*apud* Martins, 2000).

O leitor competente não é um mero decodificador do texto, porque vai além daquilo que o autor está dizendo. É capaz de olhar para dentro, conhecer-se, se entregar às suas emoções, sensações, dar significado ao texto por meio de suas experiências de leitura, tanto de mundo quanto dos textos, através da linguagem e do conhecimento adquirido, tornando-se, nesse processo, coautor da obra. Proust esperava dos seus leitores esse encontro com eles mesmos: “[...] pareceu-me que eles não seriam ‘meus leitores’, mas leitores deles próprios, com meu livro sendo simplesmente uma espécie de lente de aumento... Eu gostaria de dar-lhes meios para ler o que há no fundo deles mesmos” (*apud* Wolf, 2019, p. 23).

a leitura fluente depende de conhecer não só as palavras, mas também como elas nos fazem sentir. [...] a leitura profunda sempre tem a ver com conexão: conectar aquilo que sabemos com aquilo que lemos, aquilo que lemos com aquilo que sentimos, aquilo que sentimos com aquilo que pensamos, e o modo como pensamos com o modo como vivemos nossas vidas, num mundo conectado (Wolf, 2019, p. 187-188).

Os leitores realmente proficientes, segundo Desmurget (2023), são aqueles que detectam e compreendem elementos implícitos de um texto. Eles percebem a organização lógica e temporal de um texto e sabem identificar as etapas de um raciocínio ou uma narrativa. São capazes de resumir ou sintetizar um texto, inclusive na forma de um mapa mental, e de propor uma continuação ou consequência. Em outras palavras, a leitura nos leva a várias possibilidades de ação: à comunicação pragmática, à reflexão, a imaginar, a descobrir, compreender, conectar conceitos, expressar os pensamentos e a pensar, a sentir emoções, a fantasiar e a conhecer.

É o mesmo autor que afirma: "As ferramentas que permitem a leitura emanam da própria leitura. Quanto mais a criança lê, mais sua linguagem e seu conhecimento se expandem, e mais sua habilidade de lidar com textos diversos e desafiadores

aumenta" (2023, p. 126). Evidencia-se, aqui, que ler não é apenas decodificar, é compreender. E que a criança precisa possuir uma habilidade mínima de decodificação para poder ler sozinha. Ou seja, "[...] quanto mais ela lê, melhor ela lê; e quanto melhor ela lê, mais ela lê" (Desmurget, 2023, p. 306). Um círculo virtuoso mediado pelo prazer e pela motivação. É, ainda, o mesmo autor que afirma "Ler é compreender, aquele que não compreende não lê" (p. 96).

Fica clara, aqui, a importância da leitura por prazer, a qual pode promover um impacto positivo no desempenho acadêmico pelo fato de a leitura ser uma disciplina universal, na qual todas as outras se constroem, ou seja, uma base transversal para o aprendizado acadêmico. Garrison Keillor (*apud* Desmurget, 2023, p. 223), autor norte-americano, afirma que "[...] a leitura é a chave de tudo. Ensinar as crianças a ler é um dever moral fundamental da sociedade".

Segundo Desmurget (2023), a leitura nos enriquece individual e coletivamente, por sua capacidade de enriquecer todos os aspectos fundamentais de nossa humanidade. A leitura desenvolve a linguagem, a inteligência, a cultura geral, a criatividade e as habilidades socioemocionais, além de influenciar positivamente no sucesso escolar e profissional. Entretanto, seus benefícios estão diretamente relacionados com a experiência leitora do indivíduo. Ao se tornar leitora, a criança vai além do domínio do código escrito, ou seja, ela amplia suas possibilidades no mundo, pois aprende a aprender, questionar, observar, ouvir, contar, sentir, simpatizar e a pensar. "Ela é um tutor ao mesmo tempo invisível e universal" (Desmurget, 2023, p. 326).

Faz-se necessário oferecer ao leitor uma bagagem linguística e cultural, rica, extensa, diversificada e de qualidade, para que ele possa utilizar seus conhecimentos prévios e experiências de leitura e de mundo no ato da leitura e ser capaz de preencher as entrelinhas e dar significado àquilo que está lendo. Esse processo inicia-se quando a criança nasce e continua durante sua vida. O leitor é formado, dessa forma, ao longo de sua vida, num processo contínuo e sistemático. Cada oportunidade de encontro com o mundo escrito e o mundo cultural melhora e aumenta a sua capacidade de decodificação, compreensão, interpretação e reflexão tão necessárias para a vida escolar, pessoal e profissional.

O papel do adulto mediador da leitura nesse processo é, assim, primordial para que a criança e o jovem possam ter acesso ao mundo da leitura desde a mais tenra idade, pois, conforme Petit (2009, p. 22), "[...] a leitura é uma arte que se transmite

mais do que se ensina". É a mesma autora que afirma, ainda, "[...] o que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real " (2008, p. 140).

A importância dada ao conhecimento pela família, nesse aspecto, é um fator determinante para a apropriação da leitura. O leitor interpreta o que lê com base nas suas leituras anteriores e nas histórias que ouviu e viveu, aumentando, assim, seu repertório de conhecimentos gerais – tão necessários para refletir, criar, imaginar, fantasiar, argumentar, ler, ouvir, se expressar criativamente, expressar ideias, respeitar outros pontos de vista e assumir sua responsabilidade cidadã. Quanto mais as crianças aumentam seus conhecimentos por meio da leitura, mais fácil será adquirir novos e complexos conhecimentos. François-Xavier Bellamy (*apud* Desmurget, 2023, p. 278), professor de filosofia, afirma: "É lendo o que os outros escreveram que podemos desenvolver um pensamento novo".

O escritor Alberto Manguel, em *Uma história da Leitura* (1996), escreve que a leitura é cumulativa, ou seja, tudo que lemos vai sendo armazenado no acervo de conhecimentos que ajudarão na compreensão e interpretação de novas leituras. Conforme Calvino (1988, p. 124), "Quem é cada um de nós se não uma combinação de experiências, informações, livros que lemos [...]. Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca".

Para que o leitor possa acessar o que o autor está querendo dizer e dialogar com ele, faz-se necessário adentrar e desfrutar de um outro tempo, mais calmo, menos agitado, para que o diálogo interior que demanda do leitor tempo e vontade possa acontecer. Utilizando as palavras de Proust, "comunicação em meio a solidão". Em um mundo tão cheio de ruídos, poder usufruir dessa solidão para alçar mundos tão diversos e se conhecer melhor é um presente irrecusável. Conforme a resposta do poeta Federico Garcia Lorca (2019, p. 120) à pergunta por que lemos?: "[...] ir muito longe, para me dar de volta minha antiga alma de criança".

[A leitura] contribui na construção do indivíduo, no processo de imaginar outras possibilidades, ajudando a sonhar, a encontrar um sentido para a vida, a buscar outra oportunidade no arranjo social e, acima de tudo, a pensar. Propicia, também, autonomia, e desperta o espírito crítico, essencial no processo da busca de uma cidadania ativa, não apenas porque permite o distanciamento, a descontextualização, mas ainda porque abre espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas (Aliperti, 2015, p. 16).

A leitura, dessa maneira, promove a elaboração do mundo interior e, por conta disso, a relação do indivíduo com o mundo exterior, a qual, por sua vez, contribui com o processo de significação do texto e da própria vida. Como assegura Petit (2008), a leitura nos torna aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a sermos mais autores de nossas vidas.

A leitura pode ser em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos. Os mais desprovidos de referências culturais são os mais propensos a se deixar seduzir por aqueles que oferecem próteses para a identidade (Petit, 2008, p. 72).

Ainda, de acordo com Aliperti:

O espaço íntimo aberto pela leitura é, sobretudo, uma fuga para um lugar em que não se depende dos outros. É ter a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de imaginar outras possibilidades, de construir sentidos com histórias, na busca da elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando adentrar nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram o pertencimento integral do indivíduo a um grupo, uma seita, uma etnia (2015, p.16-17).

Harold Bloom (2000), por sua vez, afirma ser uma das funções da leitura a de nos preparar para a transformação, uma transformação que, ao final, tem caráter universal. Ele entende que, para desenvolver a capacidade de opinar criticamente e alcançar avaliações pessoais, as pessoas necessitam ler continuamente, por iniciativa própria. Evidencia-se, portanto, que:

O prazer da leitura é pessoal, não social. O motivo que nos leva a ler, é a busca de um 'sofrido prazer'. Existe o sublime alcançado através da leitura. Ler bem é ainda um dos prazeres da solidão, o mais benéfico dos prazeres (Bloom, 2000, p. 25).

A leitura também perpassa todas as disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Ela é a base, o pilar da compreensão e interpretação dos diferentes conteúdos e gêneros de textos trabalhados na escola, nos contextos sociais e de vida da criança, do jovem e do adulto. Portanto, ela é a chave para o desenvolvimento do cidadão pleno e para a redução das desigualdades sociais. Deveria, assim, ser considerada e pensada como um projeto de nação, como aconteceu na França, que

declarou a leitura como uma grande causa nacional em 2021-2022. "Ler", proclamou o presidente da República, Emmanuel Macron, "[...] deve ser recolocado no centro do compromisso de toda nação"¹.

Podemos afirmar que a leitura também é a chave para a leitura da literatura. Portanto, faz-se necessária, desde a mais tenra idade da criança, a mediação do adulto no despertar do gosto pela leitura. Petit (2008, p. 166) assegura: "Não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário, que, levado por sua paixão a transmite através de uma relação individual". Podemos ampliar essa reflexão aos familiares que cuidam das crianças desde pequenas. Conforme a mesma autora, "Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literária, é necessário que se tenha experimentado esse amor" (Petit, 2008, p. 161). Percebe-se, então, a relevância do adulto envolvido no processo da leitura, pois ele também carrega uma experiência de vida; leituras reais que o ajudarão a transmitir esse amor pela leitura e pela literatura, possibilitando uma experiência mais significativa, amorosa e acolhedora a todos os envolvidos.

1.2 Literatura e leitor literário

Caio Meira, na apresentação da edição brasileira do livro *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov, salienta a importância do texto literário para o ser humano: "[...] se o texto literário não puder nos mostrar outro mundo e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então, teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo" (2009, p. 12).

Os primeiros livros surgiram por volta do ano 3.200 a.C., na Mesopotâmia, atual Iraque, usados pelo povo sumério em tabletas de argila contendo diversos conteúdos, como leis, assuntos administrativos e religiosos, lendas e poesias. Ao longo dos tempos, os suportes mudaram, passando da argila ao papiro, do pergaminho ao papel, até chegarmos ao digital, mas sempre com o mesmo objetivo: o de preservar nossa memória coletiva, ou seja, a conservação e transmissão do conhecimento construído pela humanidade. Navas e Junqueira (2009, p. 9) complementam essas reflexões:

¹ Ver *Le Monde*, 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives-du-monde/21-06-2021/2/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

As variações de material, suporte e modo de registro são indicadores de linguagens e sensibilidade que refinaram o homem às manifestações expressivas e ao efeito das imagens [...] tais elementos foram fundamentais para a comunicação humana e para a evolução do objeto que conhecemos como livro e, ainda, que manuseá-los levou-nos à educação dos sentidos.

A descoberta da imprensa por Johannes Gutenberg, no século XV, possibilitou a propagação em grande escala do patrimônio cultural, que, até então, era reservado a uma elite restrita, por ser escrito em latim. Segundo Boorstin (*apud* Desmurget, 2023, p. 223), "[...] o triunfo do livro impresso logo levou ao triunfo das línguas populares, que se tornaram, em toda a Europa, os veículos da cultura". É ainda o autor que afirma "[...] com a multiplicação dos livros, o nível de instrução aumentou e a literatura vernacular foi enriquecida".

A revolução tecnológica causada pela invenção da imprensa possibilitou uma mudança radical nas sociedades, pois permitiu que o analfabetismo predominante na maioria da população cedesse lugar à disseminação da cultura, ao acesso ao conhecimento e à informação. Agora, nas palavras de Garrison Keillor (*apud* Desmurget, 2023, p. 223), "[...] a leitura é a chave de tudo. Ensinar as crianças a ler é um dever moral fundamental da sociedade", como já assinalado.

Alphonse de Lamartine (*apud* Desmurget, 2023, p. 223), escreveu, em 1853, "De uma prensa saem papel, tinta, caracteres, números, letras que são capturados pelos sentidos; mas também saem pensamentos, sentimentos, moral, religião, ou seja, uma porção da alma da espécie humana". Completando esse pensamento, Desmurget (p. 223) afirma: "[...] privar nossos descendentes de literatura, não os guiar no caminho do livro, é amputá-los de uma parte de sua alma". Reafirma essa perspectiva também Konrad Liessmann (*apud* Desmurget, 2023, p. 223), professor de filosofia da Universidade de Viena, que se refere à privação da literatura como algo que "só pode ser interpretado como um ato bárbaro".

Antes da invenção do livro, as informações, o conhecimento, as experiências e as histórias eram transmitidas oralmente e, por conta disso, poderiam ser distorcidas e ou perdidas. Os livros modificaram essa situação, pois, segundo Carl Sagan (2006, p. 401), professor de Astronomia e Ciências Espaciais na Universidade Cornell:

Eles nos possibilitam interrogar o passado com alto grau de precisão; estabelecer comunicação com a sabedoria de nossa espécie; compreender o ponto de vista de outros [...]. Permitem que pessoas há muito tempo mortas falem dentro de nossas cabeças. Os livros podem nos acompanhar por toda parte. Pacientes quando custamos a compreender, eles nos deixam rever as partes difíceis quantas vezes desejarmos, e jamais criticam nossos lapsos. Os livros são essenciais para compreender o mundo e participar de uma sociedade democrática.

Podemos afirmar que os livros carregam as riquezas da língua, em termos sintáticos e lexicais e, quando a criança não tem acesso à leitura, a linguagem fica comprometida, pois não se desenvolve como deveria, impactando as capacidades de raciocinar, compreender, criticar, refletir, analisar e aprender. Segundo Desmurget (2023, p. 225), "[...] quanto mais a mente é privada de livros, mais sua base cultural e linguística se desgasta; e quanto mais essa base se desgasta, menos o conhecimento dos livros se torna acessível".

Portanto, os livros de forma geral, e principalmente os de ficção, exercem uma influência positiva no desenvolvimento do vocabulário, da ortografia, nas habilidades de leitura e linguagem, ou seja, ajudam na construção dos pilares lexicais, sintáticos e ortográficos necessários para o funcionamento ideal do pensamento, possibilitando também o aumento do repertório de conhecimentos gerais. Um bom livro liberta e estimula a mente e tem um impacto positivo sobre a criatividade, permitindo, assim, uma maior liberdade imaginativa.

Por contar a história da essência humana, a literatura possui o poder de humanizar o homem. E, ao mesmo tempo em que o humaniza, propicia um processo de reflexão que pode modificar o sujeito, permitindo a ele atuar de maneira ativa na sociedade. Sendo assim, a boa literatura faz o leitor pensar, ao contrário daquela que possui apenas caráter utilitário, denunciando, mas não conduzindo à reflexão (Aliperti, 2015, p. 22).

De acordo com Colomer (2003, p. 133),

A literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva. O papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de estabelecer a representação da realidade, que a obra pretendeu construir, mais do que ensinar princípios ou categorias de

análise. A competência literária derivaria, assim, 'do legado das satisfações passadas', nas palavras de Bretton.

Antonio Candido, no texto *O direito à Literatura* (2015), chama de literatura todas as criações poéticas, ficcionais ou dramáticas, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. A literatura, para ele, aparece como manifestação cultural universal de todos os homens em todos os tempos, correspondendo a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. O autor assegura também que a literatura é fator indispensável de humanização, porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente, sendo uma necessidade universal por dar forma aos sentimentos e à visão do mundo; "ela nos organiza, nos liberta do caos" (Candido, 2015, p. 23), humanizando-nos. A escrita e a leitura literária possibilitam o exercício de liberdade no uso da linguagem e liberdade do imaginário.

Com os textos literários, "[...] a língua respira, volta a brilhar e é onde se expressam a contradição e a complexidade humanas" (Petit, 2008, p. 116). Portanto, eles possibilitam ao ser humano ir ao encontro de sua essência e na busca de um prazer singular.

Segundo Desmurget (2023), a literatura e, mais amplamente, as obras de ficção também enriquecem o desenvolvimento socioemocional. Ou seja, a leitura melhora nossa capacidade de interagir com nossos mundos internos e externos.

Margaret Artwood (*apud* Desmurget, 2023, p. 282), autora de *O conto da aia* (1985), afirma: "[...] ler um livro é certamente a experiência mais íntima que podemos ter do que se passa na mente de outro ser humano". Uma intimidade, continua Proust (*apud* Desmurget, 2023, p. 282), que "[...] desencadeia em nós durante uma hora todas as venturas e todas as desgraças possíveis, algumas das quais levaríamos anos para conhecer na vida".

Percebe-se, assim, que a literatura, por possibilitar ao leitor conhecer e desbravar situações completamente novas e inusitadas, por meio das experiências de vida diversas contidas nas histórias, tem o poder de acessar a psiquê humana, pois nos leva ao âmago dos sentimentos, emoções e dos pensamentos alheios.

Mark Bauerlein (*apud* Desmurget, 2023, p. 283), professor de inglês na Universidade de Emory, escreve, a partir de sua posição como leitor: "Você lê o significado da palavra traição em um dicionário e entende. Você lê um caso de traição

em um romance que relata os atos, pensamentos e emoções do traidor e do traído, e você não apenas entende a traição – você a experimenta". Por conta disso, o leitor tem a possibilidade de penetrar na mente dos personagens, colocar-se no lugar do outro e melhorar, assim, a compreensão que tem de seus semelhantes e de si mesmo. Podemos afirmar, também, que a exposição contínua e sistemática a textos literários fortalece a empatia, pois contém alta concentração de descrições emocionais complexas que permitem uma melhor compreensão da psiquê dos outros, assim como a oportunidade de compreender melhor nossos próprios sentimentos pessoais. Segundo Desmurget, a literatura é constituída de contrastes e diversidade, o que possibilita ao leitor compreender de dentro para fora uma variedade de vidas, valores e sentimentos diferentes que podem, muitas vezes, perturbar, chocar ou confortar. Desse misturador psicológico, a mente emerge mais empática e atenta aos outros.

Dessa forma, a literatura também possibilita ao leitor adquirir as ferramentas necessárias que o capacitarão a identificar e enfrentar os estereótipos de gêneros, atitudes discriminatórias e racistas, desenvolvendo nele uma atitude mais tolerante, tão necessária nos tempos atuais. Importante ressaltar a importância do mediador da leitura nesse processo de transformação do leitor que a literatura proporciona, principalmente quando se trata de assuntos fraturantes, como elencado pela autora e professora afro-americana Nashae Jones, no seu artigo intitulado "Sou negra, mãe e professora e permito que meus filhos leiam livros racistas" [Je suis Noire, mère et enseignante, et je laisse mes enfants lire des livres racistes] (2021). Ela afirma que seria " [...] irresponsável como pai ignorar [esses] livros [...]. O racismo não desaparece quando fechamos os olhos e fingimos que ele não existe. Devemos fornecer às nossas crianças as ferramentas adequadas para identificá-lo e combatê-lo". É no seio da família que a compreensão de mundo se inicia e, portanto, cabe aos familiares dar essa grande oportunidade às crianças de desvendar as diferentes maneiras de enxergar o mundo através da literatura.

Segundo Jacqueline de Romilly (*apud* Desmurget, 2023, p. 293), "[...] infinita em seu escopo, a literatura também é diversificada pelo espírito que domina cada autor. [...] Isso desenvolve, queira ou não, o sentimento dessa diversidade e, consequentemente, a tolerância".

Sara Reis da Silva (2021, p. 17) convoca as palavras de Munari, ilustrando que os livros podem ser determinantes no sentido de "[...] aumentar o conhecimento e [de] formar pessoas com mentalidade mais elástica e menos repetitiva", porque é preciso,

"[...] enquanto se está a tempo, habituar o indivíduo a pensar, a imaginar, a fantasiar, a ser criativo".

De acordo com Silva (2021, p. 29 *apud* Carchia; Dángelo, 2009, p. 101), os livros para infância de Bruno Munari encerram um forte potencial no domínio da educação estética, entendida aqui não apenas como educação do gosto, mas essencialmente pela "[...] função que os seus componentes estéticos desempenham na aprendizagem e na formação global do indivíduo". Porque, como registra Bruno Munari, "os livros ajudam a viver melhor" (*apud* Silva, 2014, p. 231).

Na formulação de Claudia Souza Pereira (2021), o livro é um objeto cultural cuja vida tem sido amplamente contada por diferentes profissionais das áreas do conhecimento, como historiadores, teólogos, *designers*, ilustradores, entre outros, cujo amor ao livro leva a captar mais amantes para a leitura literária que o livro aciona pelo seu valor estético e literário, que vai além do critério de gosto. Ele possibilita, assim, uma intimidade e revisitação, justamente pelo seu valor literário. Cabe ressaltar a importância do mediador para que essa relação possa acontecer de forma a preservar o ato da leitura, num ato de promoção da própria leitura literária com seu texto e suas ilustrações. Conforme Pereira (2021, p. 65), "[...] na ânsia de promovermos a leitura, tantas vezes nos esquecemos de que, de fato, é de ler textos que falamos acima de tudo".

É a mesma autora que afirma que, quando falamos de patrimônio cultural, falamos de construções herdadas do passado que podem ser poéticas e ou factuais, que evocam memórias, repositório criativo de práticas e momentos que são estudadas para serem preservadas como herança *de* e *para* a humanidade. Falando sobre a memória, a autora entende que, "[...] enquanto decorarem os nossos dias permanecerão enriquecendo as nossas heranças num único patrimônio não alienável: o intelectual" (Pereira, 2021, p. 57).

Consequentemente, o processo de formação do leitor deveria proporcionar e contemplar a formação de um leitor próximo ao ideal, "[...] aquele capaz de lançar mão de um repertório amplo de leitura e saberes culturais, base da expressão e avaliação de novas leituras" (Dios, 2000, p. 122). Para isso, como afirma o Professor João Alexandre Barbosa (2003, p. 22), em *Literatura Nunca é Apenas Literatura*, "[...] é preciso ter um estoque mínimo, um repertório mínimo, para que seja possível identificar a importância de uma obra ou de um texto literário". No que concerne à relação do leitor com o texto literário, afirma: "[...] quando o texto realmente interessa,

tal relação nunca é tranquila, mas sim tensa, de medo até, ou mesmo terror – uma relação de qualquer forma, inquietante. As obras de arte que não provocarem a inquietação são obras que não têm interesse” (2003, p. 24).

As histórias lidas desde a mais tenra idade permitem que as crianças viajem, na imaginação, para lugares muito distantes de suas realidades, além de os preparar para sua cultura e culturas diferentes da sua, expandindo, assim, seu repertório cultural, sua empatia e o respeito a diferentes maneiras de agir e pensar e, assim, aprender e respeitar as perspectivas de outras pessoas. Segundo Aliperti (2015, p. 38),

Desde a mais tenra idade, quando a criança tem a oportunidade de entrar em contato com diferentes histórias, ela adquire um repertório cultural, o qual fará parte do seu dia a dia e lhe ajudará no percurso de se tornar um leitor proficiente, autônomo, em busca de novas leituras instigantes.

A busca pelas leituras instigantes possibilita ao leitor a compreensão do que os outros estão sentindo e pensando e, de acordo com Wolf (2019, p. 160),

O legado persistente das histórias infantis pode começar com a simples magia tecida por elas, mas a compreensão de ‘outros’ que elas promovem vai prolongar-se por toda a vida e, com sorte, vai influenciar o modo como a próxima geração tratará seus coabitantes neste nosso planeta compartilhado.

Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, afirma que uma boa sociedade possui três vidas: a do conhecimento e da produtividade, a do entretenimento e a vida da contemplação. Wolf (2019) faz uma analogia bem interessante, entre essas três vidas citadas na obra de Aristóteles, com o leitor proficiente ou o “bom leitor”, nas palavras dela. Para a autora, a primeira vida do bom leitor seria a de juntar as informações e transformá-las em conhecimentos. A segunda vida seria a pura distração e o requintado prazer da imersão em histórias que nos levem para lugares e mundos bem distantes da nossa realidade. A terceira vida do bom leitor seria a vida reflexiva, o olhar para dentro, propiciada pela leitura de diferentes gêneros literários, em que o leitor pode contemplar todo tipo de experiência humana, inclusive a sua, refletir sobre elas e, dessa maneira, ser capaz de pensar criticamente e tomar decisões responsáveis que poderão se tornar atos socialmente úteis.

Para que possamos usufruir os benefícios que uma sociedade democrática nos proporciona, precisamos colocar em prática as três vidas do “bom leitor”, principalmente o uso das nossas capacidades reflexivas, para que possamos pensar por nós mesmos, respeitar e compreender diferentes perspectivas, ser capazes de transformar a informação em conhecimento e usá-lo com sabedoria e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para que isso possa se concretizar, devemos, como sociedade, garantir uma educação de qualidade a todos desde a mais tenra idade.

1.3 Panorama do cenário brasileiro em relação à leitura

Faz-se necessário ressaltar, neste trabalho de pesquisa, o panorama do cenário brasileiro em relação à leitura e literatura de forma ampla, ou seja, por meio de estudos que meçam o potencial leitor brasileiro, para que possamos identificar os problemas e tentar encontrar soluções possíveis para resolvê-los. Por essas razões, incluímos o resultado da avaliação Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) realizada em 2022 e uma pesquisa nacional sobre os hábitos de leitura do brasileiro, a 6ª edição da Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, realizada pelo Instituto Pró-Livro.

Ambos os estudos revelam problemas na área de leitura e literatura, com impactos negativos no desenvolvimento e na formação de leitores. Na avaliação internacional PISA, somente cerca de 50% dos estudantes no Brasil atingiram o Nível 2 ou superior em leitura. Esse resultado é inferior à média da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de 74%. Além disso, os estudantes brasileiros obtiveram um desempenho inferior à média daqueles dos países da OCDE em leitura, além de Matemática e Ciências, evidenciando a necessidade de ações para melhorar a qualidade da educação no país.

Já a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela uma diminuição no número de leitores no Brasil entre 2019 e 2024, bem como uma redução na média de livros lidos por pessoa. O levantamento destaca a influência da família e dos professores na formação de leitores e aponta para a necessidade de se promover o acesso aos livros e o incentivo à leitura, especialmente entre crianças e jovens. A pesquisa ressaltava ainda a importância das bibliotecas como espaços de acesso à cultura e informação e enfatiza a necessidade de que elas sejam fortalecidas e valorizadas. Ressalta-se

que as bibliotecas desempenham um papel fundamental na promoção da leitura e no acesso aos livros, especialmente para aqueles que não têm condições de comprá-los.

Os dados apresentados nesse panorama fundamentam meu trabalho de pesquisa, pois evidenciam o papel crucial da família no processo de formação do leitor. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil elenca os diferentes agentes envolvidos no processo de formação do leitor e atesta que a família e o professor ainda são os principais atores nesse processo. Portanto, os dados desses dois estudos evidenciam o papel indispensável da família no processo de formação do leitor e a importância de repertoriarmos pais e responsáveis com informações e conhecimentos sobre a importância da leitura e da literatura. Esclareço que este trabalho já vem sendo realizado, ao longo da minha experiência profissional, durante as reuniões de pais na Escola Estadual Conselheiro Antonio Prado, aonde leciono, o que será abordado detalhadamente no capítulo 3 desta pesquisa.

1.3.1 Resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) 2022

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE). Essa avaliação oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica na maioria dos países, vinculando dados sobre seus *backgrounds* e suas atitudes em relação à aprendizagem.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é o órgão responsável pelo planejamento e operacionalização da avaliação no Brasil. O PISA avalia o conhecimento e as habilidades dos estudantes em matemática, leitura e ciências. Os testes exploram a capacidade dos estudantes de resolver problemas complexos, pensar criticamente e se comunicar de forma eficaz. O Pisa apresenta uma noção de como os sistemas educacionais preparam os estudantes para os desafios da vida real e para o sucesso futuro. O Brasil participou pela primeira vez do estudo em 2000.

Na última edição do PISA no Brasil, em 2022, 10.798 estudantes, em 599 escolas, concluíram a avaliação em matemática, leitura ou ciências, representando

cerca de 2.263.000 estudantes de 15 anos de idade (uma estimativa de 76% da população total de jovens de 15 anos).

Os estudantes brasileiros obtiveram pontuação inferior à média da OCDE em matemática, leitura e ciências. Em termos gerais, 73% não alcançaram o patamar mínimo de aprendizagem em matemática, 50% não o conseguiram em leitura e 55% em ciências

No quesito leitura, cerca de 50% dos estudantes no Brasil atingiram o Nível 2 – superior em leitura – enquanto a média dos outros países participantes atingiu 74%. No mínimo, esses estudantes podem identificar a ideia principal em um texto de extensão moderada, encontrar informações com base em critérios explícitos, embora às vezes complexos, e podem refletir sobre a finalidade e a forma dos textos quando explicitamente orientados a fazê-lo. A parcela de estudantes na faixa etária dos 15 anos de idade que atingiu níveis mínimos de proficiência em leitura (Nível 2 ou superior) variou de 89% em Singapura a 8% no Camboja.

No Brasil, somente 2% dos estudantes obtiveram pontuação no Nível 5 ou superior em leitura (média da OCDE: 7%). Esses estudantes conseguem compreender textos longos, lidar com conceitos abstratos ou contraintuitivos e estabelecer distinções entre fato e opinião, com base em pistas implícitas relativas ao conteúdo ou à fonte da informação.

Resumindo, somente cerca de 50% dos estudantes no Brasil atingiram o Nível 2 ou superior em leitura, enquanto a média da OCDE é de 74%. Além disso, 2% dos estudantes brasileiros obtiveram pontuação no Nível 5 ou superior em leitura, comparando-se à média da OCDE, de 7%. Isso indica que os estudantes brasileiros obtiveram um desempenho inferior à média dos países da OCDE em leitura, além de Matemática e Ciências.

1.3.2 Retratos da Leitura no Brasil: análise dos resultados de 2024

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é um estudo realizado pelo Instituto Pró-Livro (IPL) a cada quatro anos com o objetivo de traçar um panorama abrangente dos hábitos de leitura da população brasileira. A edição de 2024, realizada com o apoio da Fundação Itaú e de outras instituições, entrevistou 5.504 brasileiros (alfabetizados ou não) com mais de cinco anos de idade, de diferentes regiões e níveis de escolaridade.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil nos fornece informações importantes para a compreensão do comportamento leitor no país, e serve como base para a formulação de políticas públicas e iniciativas que visem o desenvolvimento da leitura e o acesso ao livro.

A pesquisa define como *Leitor* aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de qualquer gênero, impresso ou digital, nos últimos três meses e o *Não Leitor* como aquele que declarou não ter lido nenhum livro, ou parte de um livro, nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Destacam-se, aqui, as definições de leitores de literatura usadas na pesquisa. *Leitor de livros de literatura* é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de literatura (como contos, crônicas, romances ou poesias) por vontade própria, nos últimos três meses. *Leitor de literatura apenas em outros meios ou formatos* é aquele que leu literatura (contos, crônicas, romances ou poesias) nos últimos três meses apenas por meios que não sejam livros – redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, sites, revistas, jornais ou outros materiais impressos que não sejam livros. *Leitor de literatura independente do meio* é aquele que leu literatura nos últimos três meses, independentemente do suporte.

Os resultados apresentados na edição de 2024, a 6ª da pesquisa, revelaram que a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 52% em 2019 para 47% em 2024. A média de livros lidos por ano também diminuiu, passando de 4,95 para 3,96. O principal motivo para a leitura continua sendo o gosto, seguido por distração e atualização cultural, sendo que o tema ou assunto do livro é o fator que mais influencia na escolha da leitura. A maioria dos leitores tem preferência por ler em casa, seguida por leituras na escola (salas de aula) e também em bibliotecas de maneira geral.

As principais barreiras para a leitura alegadas pelos entrevistados são a falta de paciência para ler, leitura vagarosa, limitações físicas, como problemas visuais, falta de concentração, falta de compreensão do texto lido e não saber ler. Outras razões alegadas seriam a falta de tempo e a preferência por outras atividades. A televisão e a música são as atividades mais realizadas no tempo livre, seguidas por assistir vídeos e usar redes sociais.

A maioria dos leitores afirma que gosta muito de ler e foi influenciada principalmente pela mãe ou responsável (sexo feminino), professores, algum outro parente e pai ou responsável do sexo masculino. Diante da pergunta “O seu pai, mãe ou outro parente costumavam ler para você?”, a grande maioria dos entrevistados, ou

57% do total, afirma que os pais ou outro parente não costumam ler para eles. As respostas à questão “Gostaria que seu pai, mãe ou algum outro adulto lessem para você?” apontam que 55% dos entrevistados com idades entre 5 a 13 anos de idade afirmaram que sim.

Entre os fatores indicados como origem do interesse por literatura, foram elencados: viu filmes baseados em livros ou histórias de autores; indicação da escola ou de um professor ou professora; influência de amigos; por causa de algum autor com quem se identificou e por influência da mãe ou responsável do sexo feminino.

A motivação para ter lido literatura especificamente mereceu as seguintes indicações: gosto ou interesse pessoal, para se distrair, por indicação de outras pessoas, por indicação de um professor ou professora, porque ganhou o livro e por indicação da escola, curso ou universidade. De forma geral, a leitura é vista como uma forma de adquirir conhecimento e desenvolvimento pessoal.

As principais formas de acesso aos livros citadas são: compra em lojas físicas ou *on-line*, recebidos como presente, emprestados por bibliotecas de escolas, livros baixados da Internet, emprestados por alguém da família ou amigos, emprestados por bibliotecas públicas ou comunitárias, distribuídos pelo governo ou pelas escolas, sendo a compra indicada pela maioria.

As bibliotecas são vistas como lugares para pesquisa e estudo, mas a frequência a elas é baixa. Outro dado é que a maioria dos leitores prefere livros em papel a livros digitais.

Os resultados da pesquisa apontam para uma diminuição no número de leitores no Brasil entre 2019 e 2024, e para uma redução na média de livros lidos. No entanto, a leitura ainda é uma atividade valorizada pela maioria dos brasileiros, sendo vista como uma fonte de conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Os resultados de 2024 reforçam uma tendência percebida desde 2007: quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes. Estes últimos, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura.

É importante destacar a influência da família e dos professores na formação de leitores, e a necessidade de se promover o acesso aos livros e o incentivo à leitura, especialmente entre crianças e jovens. As bibliotecas, como espaços de acesso à cultura e informação, também precisam ser fortalecidas e valorizadas.

1.4 Importância da família no processo de formação do leitor

Vários agentes são responsáveis pelo processo de formação do leitor e do leitor do texto literário. Desde o nascimento, a criança é exposta a todos os tipos de estímulos e experiências proporcionadas pelos adultos responsáveis por ela. Podemos afirmar que a família seria o primeiro núcleo social em que a criança está inserida desde o nascimento. A escola seria o segundo, o qual proporcionará a expansão de seu repertório de experiências e conhecimentos adquiridos no seio da família. Temos também outros espaços sociais que exercerão papel significativo na formação leitora – a biblioteca, os espaços culturais de leitura, os museus, as galerias de arte, as livrarias, os teatros, entre outros espaços culturais disponíveis nas cidades – bem como outros agentes, como os bibliotecários, os mediadores de leitura, os contadores de histórias, os programas culturais (dança, música, peças teatrais), também essenciais para a formação leitora.

Dessa forma, partimos da afirmação de que não cabe somente ao professor e à escola formar leitores, ideia tão arraigada na nossa sociedade. Deveria ser de interesse de toda a sociedade formar cidadãos inovadores, críticos, criativos, autônomos, reflexivos e empáticos, a fim de se construir uma nação mais igualitária. Assim, para que haja a redução de desigualdades é necessário que toda a sociedade tome para si a responsabilidade de oferecer uma educação de qualidade a todos e uma maior igualdade de oportunidades.

Conforme apresentação proferida no Canal Um Brasil, no dia 26 de abril de 2024, "As tendências globais que estão moldando o mundo", pelo filósofo e economista Eduardo Giannetti:

Se você comparar a proficiência do jovem do ensino médio das 10% famílias mais ricas do Brasil com o resto do mundo, esses jovens de famílias ricas brasileiras ficam abaixo dos 10% mais pobres de países como Coreia do Sul, Japão, Alemanha etc. O problema da educação do Brasil é um problema de valor da sociedade. Nem os ricos e afluentes de fato se preparam e se constituem do ponto de vista de formação com a seriedade com que até mesmo as famílias mais desfavorecidas de países que levam totalmente a sério a educação, fazem. O futuro do Brasil não vai ser decidido em reunião do Banco Central, não vai ser decidido na Bolsa de valores e tampouco em gabinetes Ministeriais. O futuro do Brasil vai ser decidido (ou está sendo decidido), nas milhares de salas de aula espalhadas pelo nosso imenso país. É aí que o futuro do Brasil vai ou está sendo jogado. Nós estamos no país dos "Machado de Assis" analfabetos, dos talentos

econômicos, culturais, artísticos e tecnológicos que, por falta de oportunidades (conhecimento, educação, formação), veem-se completamente privados do seu potencial e realização plena. Isto nós não podemos aceitar (n.p.).

Fica clara a importância da seriedade e do esforço de todos nesse empreendimento, mas fica evidente também a relevância do papel da família nesse processo de valorizar a educação para poder se responsabilizar e cumprir seu papel nessa caminhada. Exploraremos, adiante, com mais profundidade, a importância do papel da família e como ela pode ser engajada nesse processo.

1.5 É possível despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura?

As crianças já nascem com o gosto pela leitura?

É sabido que esse gosto não é inato, ele é transmitido e formado ao longo da vida da criança, ou seja, pelas experiências de leitura vivenciadas no seio da família. Entretanto, muitos pais não leem para seus filhos desde a mais tenra idade porque não têm noção dos benefícios e da importância dessa experiência para o desenvolvimento da criança. Faz-se necessário, assim, criar políticas públicas que possam esclarecer a importância da leitura e da literatura no desenvolvimento intelectual, afetivo, emocional, psicológico e da linguagem das crianças. Em resumo, ater-se à importância da leitura diária no âmbito familiar para formar leitores competentes. Poderíamos criar um slogan dizendo: *"É imprescindível ler para as nossas crianças"*.

Muitas famílias acreditam que, assim que a criança aprendeu a ler, não seria mais necessário ler para ela, pois estariam promovendo sua autonomia leitora, ou seja, sua leitura individual. Entretanto, as duas práticas de leitura devem continuar acontecendo, uma não exclui a outra, elas se complementam e são importantes para a formação do leitor.

De acordo com Desmurget (2023), é falso afirmar que uma criança do primeiro ano do ensino fundamental que está aprendendo a decodificar, está aprendendo a ler. Isso porque não importa que ela consiga decifrar o som de uma palavra, mas, sim, os vestígios desse "som" em seu cérebro, dentro das estruturas da linguagem que serão enriquecidos com um vasto repertório lexical e cultural adquiridos desde o seu nascimento. Por isso, a importância de estimular as redes da linguagem desde a mais

tenra idade para prepará-las para as especificidades do mundo escrito, com linguagem mais rica, diversificada e sutil do que a oral. Faz-se necessário manter essas redes conectadas e abastecidas pela via auditiva das comunicações orais, o que pode ser atingido lendo para a criança, contando histórias e acompanhando-a quando começa a ler sozinha.

O ambiente familiar é essencial nessa jornada de fomentar as experiências necessárias, haja vista construir os pré-requisitos linguísticos indispensáveis para a leitura pessoal e estimular as estruturas neurais competentes da criança para que ela possa se tornar leitora. Segundo Desmurget (2023, p. 99), "é a família, em grande parte, que forma leitores". Não é o caso de afirmar que os pais devam substituir os professores, mas, sim, de participar, ajudar e incentivar a criança a ler e, acima de tudo, estar cientes das dificuldades dos filhos, que são normais e esperadas, para que possam apoiar e ser pacientes durante a jornada.

Dessa maneira, ensina-nos o pesquisador, o ambiente familiar, que proporciona vivências, interações e experiências lúdicas desde a mais tenra idade torna-se um complemento indispensável para as aprendizagens escolares formais e para o desenvolvimento da linguagem. Essas práticas intrafamiliares precoces são essenciais para o sucesso escolar da criança e, em longo prazo, para a vida profissional do adulto.

Existe a influência do gênero a favor das meninas, que faz com que os pais leiam mais para elas do que para os meninos. Segundo Desmurget (2023, p. 37), "[...] inicialmente, os pais passam mais tempo lendo e contando histórias quando a criança é do sexo feminino". De acordo com o autor, isso pode ser estimulado pela existência de um estereótipo de gênero (largamente inconsciente) segundo o qual a leitura seria "coisa de menina".

A condição socioeconômica também desempenha papel importante na formação leitora. Concordamos com Desmurget (2023) quando afirma que encontramos um maior número de leitores em ambientes mais favorecidos, onde o diferencial parece ser mais o capital cultural do que o patrimônio econômico, embora essas duas dimensões encontrem-se geralmente correlacionadas. Podemos concluir que as famílias que valorizam a cultura como um bem indispensável para a formação do ser humano repertoriem seus filhos com diferentes experiências enriquecedoras, tais como a leitura de diferentes gêneros de texto e, principalmente, obras literárias.

A escrita é uma transcrição gráfica dos elementos sonoros da linguagem oral, portanto, a criança no processo de aquisição da leitura necessita tomar consciência desses elementos. Nesse sentido, duas competências são essenciais para as aquisições posteriores de leitura, tanto na decodificação quanto na compreensão: a "consciência fonológica" – capacidade de perceber e manipular os sons da língua – e a "consciência fonêmica" – habilidade de extrair e manipular os fonemas.

O papel da família se mostra relevante nesse aspecto porque o cérebro da criança parece ser particularmente receptivo às aprendizagens fonológicas. Conforme Desmurget (2023, p.180), "[...] em crianças pequenas, leitoras ou não, estudos mostram que a consciência fonológica aumenta significativamente à medida que o vocabulário cresce. [...] Quanto mais palavras a criança conhece, melhor ela manipula os sons da língua". Também afirma que "[...] quanto mais se fala com as crianças e mais se lê histórias para elas, mais seu vocabulário se expande, mais a consciência fonológica se desenvolve e mais facilmente elas aprendem a ler".

Dessa forma, fica clara a importância da participação e interação da família no dia a dia da criança, seja lendo com ela ou promovendo brincadeiras e atividades lúdicas em casa, no carro, no supermercado, cantando, recitando parlendas, trava-línguas, enfim, aproveitando as rotinas diárias para falar com a criança e brincar com as palavras, sílabas, letras e sons que enriqueçam seu cérebro e, conseqüentemente, são capazes de exercer um impacto positivo na sua vida. Concluindo, é fundamental, desde a mais tenra idade da criança, proporcionar experiências e vivências com a linguagem escrita em diferentes formatos e gêneros, bem como com a linguagem oral, com variedade de jogos alfabéticos e fonológicos para que cresçam com uma base linguística sólida, rica e diversificada. Conforme Anne Cunningham, professora de Psicologia do Desenvolvimento na Universidade da Califórnia (*apud* Desmurget, 2023, p. 189), "[...] a primeira coisa a fazer para promover as futuras habilidades de compreensão da leitura é construir o vocabulário do seu filho". Tanto no nível lexical quanto no sintático, pois ambos são essenciais para o desenvolvimento das habilidades de compreensão escrita tão necessários na vida acadêmica, profissional e pessoal.

Segundo Andrew Biemiller, professor de psicologia na Universidade de Toronto (*apud* Desmurget, 2023, p. 190), "Não podemos aprender palavras com as quais não nos deparamos". É preciso que a família propicie interações verbais ricas e continuadas direcionadas à criança, ou seja, interação face a face, com variações

gramaticais, trocas conversacionais com um vocabulário rico e diversificado – diversidade lexical e comprimento das frases –, reatividade parental e frequência de perguntas feitas. Esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento das redes cerebrais dedicadas ao processamento da linguagem. De acordo com Desmurget (2023, p. 191), "[...] quanto mais rico e estimulante for o ambiente, melhor os circuitos neurais se organizam e mais eficiente o sistema se torna". Ele sugere ainda que "[...] as solicitações verbais precoces preveem uma parte substancial das habilidades intelectuais e linguísticas subsequentes" (2023, p. 191).

Estudos indicam que os estímulos recebidos durante o primeiro ano de vida são importantíssimos para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, portanto, as interações intrafamiliares se mostram relevantes nos primeiros anos de vida da criança por conta também das remodelações cerebrais permitidas pela plasticidade do cérebro.

Essas atividades verbais propiciadas pela interação da família com a criança precisam ser complementadas com a leitura diária feita pelos familiares. De acordo com a conclusão dos autores de um estudo realizado com crianças de quatro e cinco anos, "Os pais podem desempenhar um papel importante no desenvolvimento das habilidades de leitura [...] de seus filhos, lendo histórias para eles desde a mais tenra idade" (Desmurget, 2023, p. 196). Aponta que essas observações não são novas nem inesperadas porque, já em 1985, um relatório publicado pelo Ministério da Educação dos Estados Unidos observou que "[...] a atividade mais importante para adquirir o conhecimento necessário para o sucesso futuro na leitura é ler em voz alta para as crianças". Ou seja, essa prática realizada pelos familiares tem um forte impacto no desenvolvimento da linguagem da criança.

Vários fatores justificam o impacto positivo da leitura em voz alta feita pelos familiares na linguagem. O principal deles está relacionado às especificidades linguísticas dos livros infantojuvenis. Segundo Desmurget (2023, p. 197), "Há mais complexidade lexical e gramatical nos livros de imagens pré-escolares do que em todo o *corpus* oral que cerca a criança". A criança precisa ser dessa forma, repertoriada com um excedente significativo de linguagem proporcionada pela leitura diária feita pelos familiares de livros de qualidade literária e estética para que possam construir uma base sólida linguística. Ou seja, conteúdos ricos e mais complexos do que o nível linguístico da criança, que proporcionem experiências diversificadas. Além disso, os pais, durante esses momentos, conversam com seus filhos sobre a história lida, fazem

perguntas, respondem às indagações das crianças, enfim, interagem com elas, envolvendo-as nesse mundo mágico das histórias, ativando sua atenção, reflexão, curiosidade, emoções e, acima de tudo, propiciando espaço para um diálogo essencial, para que a criança possa se expressar sobre os personagens, a trama, a fazer conexões com outras histórias lidas e com a própria vida pessoal. Enfim, ressignificar o texto lido usando os conhecimentos prévios e vivências pessoais para que, assim, se torne um leitor ativo, capaz de preencher as várias camadas de significados do texto. Consequentemente, cada leitura irá propiciar o desenvolvimento das redes cerebrais da linguagem, assim como o acúmulo, pelo cérebro, de todo tipo de conhecimento fundamental. "Alimentado pelos *feedbacks* dos pais, ele [o leitor] também desenvolve gradualmente as bases linguísticas, culturais, de atenção e cognição que, a longo prazo, permitirão à criança se tornar uma leitora autônoma e eficaz" (Desmurget, 2023, p. 204).

Importante ressaltar que, em alguns casos, uma única leitura de uma história não é o suficiente para a apropriação eficaz de todas as riquezas linguísticas e narrativas do livro; por isso, a criança pede ao adulto que leia a mesma história várias vezes. Conforme Desmurget (2023, p. 205-206), "[...] quanto mais palavras a criança conhece, mais ela consegue se afastar do vocabulário para se concentrar na história. Portanto, cada repetição é uma oportunidade para enriquecimento e complexificação das trocas". Afirma, ainda, a importância das repetições iniciais uma vez que "[...] elas ajudam a estabilizar o primeiro vestígio cerebral, sobre o qual todas as derivações serão construídas" (p. 207). Quando a criança aprende uma palavra nova, ela é memorizada e revisitada quando outras leituras são feitas e ela se depara de novo com uma palavra conhecida. Isso diminui a chance de esquecê-la e expande seu significado.

Daí a importância da leitura diária feita pelos familiares e o uso das palavras novas e do vocabulário encontrado nas histórias fazerem parte da rotina diária da família de uma maneira natural, descontraída, tranquila, alegre e prazerosa, sem um viés pedagógico. Segundo Desmurget (2023, p. 207), "As palavras dos livros podem se tornar palavras do dia a dia, sendo reutilizadas conscientemente durante as interações cotidianas e convidando a criança a fazer o mesmo".

De acordo com o pesquisador especializado em neurociência cognitiva, "Como foi estabelecido por muitos estudos realizados ao longo de 30 anos em grandes populações de crianças de 9 a 60 meses, a leitura compartilhada resulta em um fluxo

oral muito mais volumoso do que todos os seus concorrentes do cotidiano: cuidados, refeições, brincadeiras ou televisão" (2023, p. 198).

Além da influência no desenvolvimento da linguagem, a leitura feita pelos familiares também auxilia o desenvolvimento da atenção, da formação das habilidades socioemocionais, a habilidade de seguir as regras sociais do dia a dia, promove a empatia e um clima favorável de trocas entre os familiares, mais tranquilo e benevolente. A criança aprecia muito esses momentos de troca com os familiares, pois percebe que eles estão disponibilizando seu tempo para ficar com ela. Isso acarreta vários benefícios emocionais e psicológicos, além de estreitar os laços amorosos. A leitura feita pelos familiares é um ato de amor. Portanto, quanto mais cedo essa prática for iniciada pela família, melhor. A maioria das pesquisas demonstra que o ideal seria entre o primeiro e o terceiro trimestre pós-natal.

Essa prática não tem data de validade. Quanto mais cedo fizer parte da rotina familiar e quanto mais tempo permanecer, mais benefícios trará para todos, pois

O livro é um suporte generosamente aberto que permite enriquecer o conhecimento prévio de crianças, pré-adolescentes ou adolescentes e abordar com eles todo tipo de questões fundamentais que, muitas vezes, os preocupam profundamente (como amor, morte, amizade, sexualidade, racismo etc.). [...] desistir muito cedo dessa prática é se privar de um espaço de troca tão poderoso quanto privilegiado (Desmurget, 2023, p. 203).

Fica claro, aqui, o papel crucial da família no desenvolvimento da linguagem, pois é ela que fornecerá o "alimento" necessário para que as capacidades linguísticas precoces se desenvolvam e permitam o desenvolvimento posterior da leitura, das aprendizagens escolares, intelectuais, emocionais e sociais. Por conseguinte, "Nessa área, excluindo algumas estatísticas excepcionais, aquilo de que o ambiente abdica nem a escola nem o tempo poderão recuperar" (Desmurget, 2023, p. 215).

Portanto, faz-se necessário criar um ambiente leitor no espaço familiar, onde a criança possa ter como exemplo pais leitores de diferentes gêneros de textos e um acervo de obras de qualidade estética e literária para ser lido *para ela* e lido *por ela* também:

Hoje está estabelecido que o número de livros disponíveis em casa é um forte fator de previsão não apenas do nível de leitura das crianças, mas também de seu sucesso acadêmico. Alunos que cresceram em um lar com uma grande biblioteca têm três anos de estudo

suplementar quando comparados com indivíduos socioeconomicamente equivalentes criados em uma casa sem livros. Esse impacto é da mesma magnitude que o nível de educação dos pais. Em outras palavras, para o futuro de uma criança, ter livros é tão importante quanto ter pais instruídos. Claro, isso não significa que a simples posse de um grande número de livros aumentará o QI de nossos filhos. Significa que uma biblioteca ampla revela a importância que os pais atribuem à cultura literária e a sua transmissão. Quanto mais a criança viver rodeada de livros, mais ela será incentivada a ler, tanto diretamente, em resposta às orientações dos pais, quanto indiretamente, por meio de um mecanismo de aprendizado social, favorável à reprodução dos comportamentos familiares (Desmurget, 2023, p. 309-310).

A leitura é a disciplina universal sobre a qual todas as outras se constroem. Sendo assim, todas as disciplinas escolares dependem dela para que haja a compreensão e a interpretação do conteúdo lido, porque se a criança não entende o que está lendo não irá aprender. Ela é um pré-requisito básico no processo de ensino-aprendizado. Portanto, deveria ocupar um papel de destaque tanto no ambiente escolar quanto no familiar:

A esmagadora maioria das crianças com dificuldades de leitura não sofre de falta de inteligência ou de uma patologia intratável, mas de falta de prática e estímulo. Um genoma favorável por certo facilita o aprendizado. No entanto, em nenhum caso ele garante o sucesso. Se a criança não lê o suficiente, seu patrimônio genético não será de nenhuma ajuda (Desmurget, 2023, p. 317-318).

Independentemente das habilidades intelectuais e de compreensão da criança, a leitura sempre trará benefícios concretos na trajetória escolar, pessoal e profissional.

As perguntas levantadas no início do capítulo foram sendo abordadas ao longo do texto. Faz-se necessário ressaltar a importância dada aos livros no ambiente familiar como fator preponderante para que a criança se torne um leitor. "Nós nos tornamos leitores por aculturação, ou seja, por adaptação à cultura circundante" (Desmurget, 2023, p. 321). Os familiares precisam criar oportunidades e construir um ambiente leitor para que o encontro com a literatura aconteça.

Orville Prescott, amante da literatura, crítico literário do *New York Times*, expressa, ao escrever a introdução de um livro sobre a leitura compartilhada: "Poucas crianças aprendem a amar os livros por si mesmas. Alguém precisa introduzi-las no maravilhoso mundo das palavras escritas, alguém precisa mostrar o caminho" (*apud* Desmurget, 2023, p. 322).

Em relação à importância do ambiente familiar na formação do leitor, Sagan afirma:

Se crescemos num lar em que há livros, em que nos leem histórias, em que pais, irmãos, tias, tios e primos leem por prazer, aprendemos naturalmente a ler. Se ninguém perto de nós gosta de ler, onde está a prova de que vale a pena o esforço? Se a qualidade da educação a que temos acesso é inadequada, se não nos ensinam a pensar, mas só a repetir uma decoreba automática, se o conteúdo do que nos dão para ler provém de uma cultura quase alienígena, aprender a ler pode ser um caminho de pedras (2006, p. 403).

Sara Reis da Silva nos faz refletir sobre a seguinte perspectiva de Ana Paiva e Flavia Ramos:

Na prática pedagógica, como aliada à educação literária, o livro infantil pode incentivar o gosto por bens culturais, fomentar a apreciação e estimular a prática da leitura, antes mesmo da alfabetização, porque educa ou habilita a criança a relativizar o que sente e entende da obra pela acessibilidade a suas formas de escritas, jogos cognitivos, de significação e motores – pelo tocar, folhear, manusear, experimentar da obra (Paiva; Ramos *apud* Silva, 2019, p. 49).

Em grande parte, a leitura é uma herança social cuja transmissão não tem nada de aleatória e repousa em três pilares fundamentais formulados por Desmurget (2023).

No primeiro nível, destaca-se a importância do papel da família na valorização da leitura, propiciando um ambiente, acolhedor, favorável e encorajador. Ou seja, mostrar para a criança que a leitura para a família de que ela faz parte é importante, como dizer "nós somos uma família de leitores; nem todas as famílias são assim, mas aqui a leitura é importante, é uma das coisas que nos define". O objetivo é que a criança internalize essa realidade em sua identidade desde cedo, até que ela mesma se perceba e se apresente como um leitor e que tenha orgulho disso. Importante ressaltar que a criança aprende observando os adultos à sua volta, portanto, será importante, nessa caminhada, que os familiares sejam leitores, que leiam histórias com frequência, que frequentem livrarias e bibliotecas e que tenham um acervo em casa com livros de qualidade estética e literária.

No segundo nível, o pressuposto é que a leitura por prazer começa com a leitura compartilhada. O prazer é a chave para a motivação e o sucesso é o principal alicerce do prazer. O papel da família é essencial para acender a "chama" pelas

histórias para que a criança possa continuar lendo vida afora e desenvolva as motivações intrínsecas que garantam uma prática eficaz e duradoura – Ler por gosto, porque é bom, porque quero etc. E não por incentivos externos, do tipo "se você ler um pouco poderá ver televisão", que são contraproducentes em longo prazo.

No terceiro nível, apresenta-se a importância de os pais limitarem o tempo de exposição das crianças às telas recreativas, para que seja liberado espaço para a leitura do livro físico. Explicar para elas que o excesso de telas prejudica o sono, a inteligência, a concentração, a saúde, o desempenho escolar, entre outros fatores. A literatura científica mostra que telas recreativas são prejudiciais, independentemente do tempo de uso, em crianças muito jovens, com menos de seis anos, e causam efeitos negativos a partir de 30 minutos diários para crianças com idade acima de seis anos. Entretanto, meia hora de leitura diária, ao final do primário ou no início da segunda metade do ensino fundamental, equivale a mais de 2,5 milhões de palavras lidas por ano, o que, em termos de vocabulário apenas, resulta em um aumento médio de mil a 2 mil palavras.

Tanto a escola quanto as famílias são importantíssimas no processo de formação do leitor. A escola, sozinha, não dá conta de tamanha empreitada. Portanto, faz-se necessário, por meio de campanhas sólidas de informação e sensibilização, envolver e orientar os pais sobre a sua importância nesse processo, fornecendo conhecimentos para que possam colocá-los em prática diariamente com seus filhos. Precisamos acreditar nos pais, na sua sabedoria e no seu amor.

Nem todos os pais sabem o quão fundamental é falar com um bebê, ler histórias para ele e incentivá-lo a nomear as coisas e o mundo a seu redor. Nem todos os pais suspeitam do impacto único e significativo da leitura, primeiro compartilhada e depois individual, no desenvolvimento linguístico, intelectual, emocional e social da criança. Acima de tudo, nem todos os pais percebem o quanto podem transformar profundamente, por meio de suas escolhas educativas, a vida e o futuro de seus filhos (Desmurget, 2023, p. 327).

De acordo com Carl Sagan, professor de Astronomia e Ciências Espaciais na Cornell University,

Não há uma solução única para o problema do analfabetismo em ciência – ou em matemática, história, inglês, geografia e muitos dos outros campos de que nossa sociedade mais necessita. As responsabilidades são amplamente partilhadas – os pais, o eleitorado, os conselhos das escolas locais, a mídia, os professores, os

administradores, os governos federal, estadual e local, além dos próprios estudantes, é claro [...]. Pela minha própria experiência, sei muito bem o quanto uma criança pode se beneficiar se tiver pais que possuam um pouco de cultura e sejam capazes de transmiti-la (2006, p. 390).

Fica evidente a importância dos diferentes agentes da sociedade responsáveis por formar cidadãos que possam usufruir seus direitos e deveres.

2 LEITURA LITERÁRIA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

*Não pode haver revelação mais nítida da alma
de uma sociedade do que a maneira como ela
trata suas crianças*
(Nelson Mandela, 1995, n.p.)¹.

2.1 O papel da família no processo cognitivo da criança

A família ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento do cérebro da criança desde o nascimento, porque é ela que promoverá um ambiente rico e propício para o seu desenvolvimento pleno e saudável. Vários estudos demonstram que, durante a gestação, os bebês aprendem a reconhecer a voz de seus pais, portanto, a promoção de um ambiente rico em estímulos começa nesse período e continua após o nascimento da criança.

Os conhecimentos da neurociência propiciaram um melhor entendimento a respeito do funcionamento do cérebro humano, principalmente nos primeiros anos de vida da criança e a importância dos estímulos recebidos durante os primeiros anos da infância. A partir dos avanços na área, sabemos que o cérebro humano tem a capacidade e a habilidade de se organizar e se reorganizar formando novas conexões durante a vida do ser humano. Essa plasticidade do cérebro, ou neuroplasticidade, permite, assim, que a aprendizagem de uma maneira geral ocorra durante a vida do sujeito. Importante salientar que o cérebro atinge seu pico de conexões entre o nascimento e os três anos de idade da criança.

Ao nascer, após cerca de 40 semanas de gestação, o cérebro da criança ainda não está completamente desenvolvido. Por conta disso, precisa continuar amadurecendo, e a maior parte desse crescimento ocorre nos primeiros dois anos de vida. De acordo com Suskind (2022), o cérebro de um bebê de um mês de idade corresponde a aproximadamente um terço do tamanho do cérebro de um adulto. A partir daí, o desenvolvimento é acelerado, alcançando 72% do tamanho adulto aos 12 meses e cerca de 83% aos dois anos. Esse período de intensa formação cerebral requer uma estimulação rica para que a inteligência, a criatividade e as funções cognitivas, como atenção, pensamento, concentração, tomada de decisão, ações e emoções, se desenvolvam plenamente

¹ "There can be no keener revelation of a society's soul than the way in which it treats its children."

Consequentemente, faz-se necessário investir nos primeiros anos da criança, com interações que estimulem o diálogo entre a criança e familiares. Sorrir, falar, ouvir, olhar nos olhos, prestar atenção na criança quando ela estiver se expressando, enfim, se divertir com ela. Dessa forma, o adulto demonstrará a importância da criança para a família e contribuirá para seu pleno desenvolvimento e potencial como ser humano. Desmurget (2023, p. 102) afirma que

[...] a plasticidade cerebral só pode expressar seu potencial total se a criança estiver imersa em um mundo favorável. Se ela for colocada em um ambiente insuficientemente estimulante, ou mesmo tóxico, ela nunca alcançará a expressão completa de suas capacidades.

Esses cuidados e encorajamentos durante as interações familiares desde cedo desenvolvem habilidades importantíssimas tanto para a vida pessoal quanto escolar da criança. Ou seja, contribuem tanto para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, como a capacidade de ler, escrever, pensar, memorizar, aprender, raciocinar, compreender e solucionar problemas, quanto para as habilidades não-cognitivas ou socioemocionais, como resiliência, perseverança, motivação, empatia, disciplina, motivação, as quais são ligadas à personalidade, ao temperamento, às atitudes e emoções.

Essas duas habilidades se complementam e são essenciais para o desenvolvimento integral da criança e para a formação do cidadão. Para que isso possa acontecer, portanto, faz-se necessário que a família possibilite um ambiente rico em estímulos, com os recursos necessários para que as necessidades emocionais, físicas, intelectuais e materiais, entre outras, sejam realizadas e o desenvolvimento do cérebro possa acontecer de forma integral, atingindo todo o seu potencial.

Como fazer para que as famílias possam atingir esse objetivo? Todas as famílias possuem o conhecimento necessário sobre a importância do desenvolvimento do cérebro da criança desde a gravidez? Os órgãos públicos ligados à saúde fornecem apoio necessário às famílias durante o pré-natal e o pós-natal, para que possam se sentir seguras e acolhidas durante essa fase da vida? A sociedade valoriza a infância e a família como peças-chave na construção de uma sociedade mais justa e equitativa? A sociedade percebe a importância da interação precoce

como um direito inalienável de todas as crianças e sua relação com o desenvolvimento pleno do cérebro?

A educação e o aprendizado da criança iniciam-se assim que ela nasce, e não no primeiro dia de aula, como muitos acreditam. Cuidados com a criança e a educação andam juntos. Os finlandeses possuem um programa para crianças intitulado "Early Childhood Education and Care" (Educação e Acolhimento na Primeira Infância). Portanto, não há distinção entre cuidados e educação como acontece em vários outros países. Os primeiros três anos de vida da criança fazem parte de um processo gradual de educação, envolvendo meio ambiente e experiências enriquecedoras que estimulam o desenvolvimento do cérebro infantil desde a mais tenra idade.

Estudo do economista James Heckman, publicado em 2000, revela que programas de qualidade na primeira infância beneficiam tanto as crianças quanto a sociedade como um todo.

A Finlândia é um exemplo notável disso: seus jovens se destacam em quase todas as avaliações internacionais. O governo finlandês oferece amplo suporte às famílias, como licença maternidade remunerada por quase um ano. Além disso, as famílias podem escolher entre creches públicas do programa "Early Childhood Education and Care" ou privadas, ou, ainda, cuidar da criança em casa até os três anos, recebendo um auxílio financeiro. No entanto, todas as crianças devem participar de algum programa de educação infantil por pelo menos um ano.

Entretanto, faz-se necessário ressaltar que as interações familiares não devem plagiar o ambiente escolar, com regras rígidas, horários inflexíveis, metas a serem alcançadas e projetos pedagógicos. O papel primordial da família consiste em proporcionar um ambiente afetuosos, acolhedor e estimulante, que permita à criança interagir livremente com o mundo ao seu redor, explorando suas potencialidades de forma natural.

Nosso objetivo como sociedade deve ser o de desenvolver a capacidade cerebral infantil desde a mais tenra idade, para que as crianças possam crescer usufruindo todo seu potencial artístico, emocional, intelectual e humano. Quando reconhecemos a importância do desenvolvimento saudável do cérebro infantil, principalmente nos primeiros três anos de idade, não há distinção entre cuidado e educação e, conseqüentemente, a sociedade valorizará e apoiará todos os agentes envolvidos nesse processo, ou seja, pais, familiares, amigos, cuidadores, educadores e profissionais da área da saúde,

O leite materno e outros tipos de leite nutrem o corpo como um todo, enquanto as exposições à linguagem, cuidados e estímulos alimentam o cérebro infantil. Em outras palavras, pais, familiares e outros adultos responsáveis são agentes cruciais nesse processo de desenvolvimento cerebral. Os bebês são completamente dependentes dos adultos que os cercam, pois o potencial de desenvolvimento do cérebro está intrinsecamente ligado à qualidade e à quantidade de estímulos recebidos. Os neurônios, unidades básicas do sistema nervoso, estabelecem conexões entre si ao serem estimulados pelo ambiente externo ou interno. Desse modo, a importância dos estímulos para a nutrição neuronal e o desenvolvimento cerebral pleno torna-se evidente, permitindo que o cérebro aproveite ao máximo as oportunidades oferecidas através do meio ambiente.

O circuito do cérebro infantil se desenvolve a partir do estímulo que recebe. Quem são os responsáveis por esse estímulo? Pais, irmãos mais velhos, babás, avós e avôs, amigos da família e educadores que trabalham nas creches. Eles são os arquitetos do cérebro. [...] A neurociência demonstra que as interações entre adultos e crianças, que parecem simples, proporcionam importante alimento neural para o cérebro em desenvolvimento (Suskind, 2022, p. 81-82; tradução nossa)².

Percebemos a importância da qualidade da comunicação entre o bebê e o adulto para o desenvolvimento pleno da linguagem da criança desde a mais tenra idade. Quando a criança é exposta a histórias, livros e conversas estimulantes, as áreas do cérebro responsáveis pela linguagem são ativadas, produzindo uma reação em cadeia que possibilita a construção de conexões neurais mais ativas no circuito cerebral infantil, propiciando, assim, o desenvolvimento do cérebro. Ou seja, utilizar, no dia a dia, as ferramentas que os pais e responsáveis pela criança já possuem de mais valioso: o poder de se comunicar por meio da linguagem oral, corporal e das interações humanas.

Como fazer isso? Prestando atenção, conversando e alternando as falas com a criança, pois, assim, ela não só será exposta à linguagem, mas também produzirá linguagem.

² “The circuitry in children’s brains develops based on the input they receive. Who delivers that input? Parents-and, in some instances, older siblings, nannies, grandparents, family friends, child-care providers. They are the brain architects. Neuroscience tells that these interactions, which look like very simple banter between adult and child, provide critical neural nutrition to the developing brain.”

Dana Suskind, médica pediatra americana, fundou, em 2017, o TMW Center for Early Learning + Public Health (Centro de Aprendizagem Precoce + Saúde Pública), na Universidade de Chicago. Ela é especialista em desenvolvimento infantil e possui uma vasta pesquisa focada nas capacidades dos familiares e responsáveis pela criança no desenvolvimento do cérebro infantil desde o nascimento até a idade de três anos.

Baseada em inúmeras pesquisas que mostram significantes variações na quantidade e qualidade das palavras que as crianças ouvem e o impacto disso no desenvolvimento da linguagem e na vida escolar, Suskind criou, com sua equipe, uma estratégia chamada 3Ts (2022) – Prestar atenção (*Tune In*) – Conversar mais (*Talk More*) – e Revezar (*Take Turns*). O objetivo é o de oferecer aos pais um ambiente rico em linguagem, utilizando, para isso, as interações e estímulos usados na rotina diária familiar, desde o nascimento do bebê. Com a utilização dessas interações cotidianas, buscaríamos fortalecer as conexões neurais do bebê e, dessa maneira, seu desenvolvimento cerebral e pleno potencial como ser humano.

Tune In – Prestar atenção: propicia aos pais fazer um esforço consciente para prestar atenção na criança, ou seja, perceber o interesse da criança durante a rotina diária e conversar com ela sobre isso.

Talk More – Conversar mais: manter o interesse na conversa propicia o aumento do número de palavras que a criança conhece, aumentando as conexões neurais e, conseqüentemente, o repertório linguístico.

Taking Turns – Alternar as falas: propicia um diálogo constante e uma participação ativa, tanto por parte do adulto como da criança.

Quando os pais prestam atenção e dão a devida importância aos interesses e emoções dos seus filhos, eles, ao mesmo tempo, possibilitam a construção das habilidades cognitivas, assim como preparam a criança para a entrada no mundo escolar. A leitura diária de histórias, seguidas por conversas, possibilitam o aumento do repertório infantil, assim como a quantidade e volume de linguagem a que a criança é exposta. O período entre 18 e 24 meses de idade da criança oferece uma janela de oportunidades, pois é a época na qual a criança começa a falar mais e aprende muitas palavras novas, o que tem um impacto relevante no processo de desenvolvimento da linguagem e nas habilidades cognitivas. Por isso, é muito importante que os pais continuem interagindo e utilizando as técnicas 3Ts diariamente

Diante do exposto, todas as interações com o bebê, por mais simples que pareçam, são cruciais para o desenvolvimento da linguagem e do cérebro. Cada ação, principalmente aquelas que acontecem antes da criança conseguir falar, tais como balbuciar, sorrir, mover os braços e as pernas, o olhar atento para o adulto, o tom de sua voz, são elementos-chave nessa troca de experiências. "Pode não parecer conversa, mas a ciência comprova que cada interação é como se fosse uma pedra essencial na construção do banco de dados de memória do cérebro da criança" (Suskind, 2022, p. 83; tradução nossa)³.

Entretanto, não basta que os pais e envolvidos nos cuidados e educação da criança tenham esses conhecimentos. Acima de tudo, precisam acreditar neles e colocá-los em prática diariamente para que o cérebro infantil possa se desenvolver de forma saudável. Conhecimento, entendimento e convicção são os pilares necessários, que andam juntos e interferem de uma maneira positiva nas interações familiares diárias com as crianças no caminho do desenvolvimento pleno do cérebro infantil e, conseqüentemente, da linguagem.

Diante da importância do desenvolvimento da linguagem e do cérebro infantil, é imprescindível que os profissionais de saúde ofereçam suporte às famílias desde a gestação e após o nascimento. Ao esclarecer os benefícios das interações precoces, os profissionais de saúde capacitam os familiares e cuidadores, envolvidos nesse processo, a colocar em prática esses conhecimentos e práticas, propiciando novas maneiras de pensar e agir.

Não é somente o cérebro da criança que sofre modificações desde o nascimento. O cérebro da mulher também sofre mudança durante a gravidez e após o parto. Regiões do cérebro responsáveis pela empatia, ansiedade e interações sociais tornam-se mais ativas. Essas mudanças, estimuladas pelos hormônios produzidos durante e após o parto, ajudam no desenvolvimento do vínculo afetivo entre a mãe e seu bebê. Os homens também passam por uma transformação hormonal após o nascimento do bebê, o que é demonstrado pela mudança de objetivo, ou seja, não basta ter filhos, é necessário cuidar deles, dar todo o suporte necessário para o desenvolvimento e uma vida saudável.

³ "It might not look like conversation, but science shows that each interaction is a key building block to growing the child's brain bank."

Apaixonar-se por nossas crianças é o meio que a natureza encontrou para garantir o cuidado com os recém-nascidos [...]. A paixão nos encoraja a fazermos o melhor em relação a esse maravilhoso presente da natureza que é o cérebro humano e sua capacidade de se desenvolver (Suskind, 2022, p. 99; tradução nossa)⁴.

Fica clara a importância da família no processo de construção dos pilares afetivos, emocionais, linguísticos, sociais e cerebrais que irão dar sustentação e preparo adequado para a entrada na vida escolar.

Quando ingressa na vida escolar, a criança é imersa em um novo universo, com regras, experiências e conteúdos distintos, além de novas relações sociais. Para que possa usufruir e performar de uma maneira satisfatória nesse novo ambiente, espera-se que ela já possua algumas habilidades, competências e conhecimentos básicos. Essas competências são avaliadas em quatro grandes áreas (Suskind, 2022): 1- domínio acadêmico (linguagem, leitura, escrita, habilidades matemáticas e desenvolvimento cognitivo; 2- funções executivas; 3- desenvolvimento social e emocional; 4- saúde física. Os três primeiros domínios, acadêmico, executivo e socioemocional, estão intimamente ligados ao desenvolvimento cerebral, o qual, por sua vez, depende e necessita de vários estímulos para se desenvolver, principalmente das interações e conversas entre os adultos e as crianças desde seu nascimento

Sabemos que é responsabilidade da escola respeitar e propiciar as oportunidades necessárias para que todas as crianças possam alcançar seu pleno desenvolvimento. Faz-se necessário, entretanto, ressaltar a responsabilidade das famílias em propiciar um ambiente seguro, acolhedor e pleno de estímulos e interações para que o cérebro da criança possa atingir seu pleno potencial e, assim, estar preparado para as exigências da vida escolar. A aprendizagem é um fenômeno cumulativo, portanto, quanto maior o repertório de experiências da criança, maior capacidade o cérebro terá para selecionar, no repertório de habilidades disponíveis, a mais adequada das soluções para determinado problema. Conforme Desmurget (2023, p. 164), “Se os alicerces cerebrais não estiverem estabelecidos quando o aluno chega à pré-escola, sua escolaridade rapidamente se tornara dolorosa. [...] O ambiente familiar contribui naturalmente, de maneira essencial, para essa preparação”.

⁴ “Falling in love with our children is nature’s way of ensuring the care of those helpless newborns. Falling in love encourages us to make the most of this marvelous evolutionary gift of extended brain development.”

O desenvolvimento da linguagem da criança depende dessas interações e estímulos que começam durante a gestação e continuam após o nascimento do bebê. Se os pais e ou responsáveis pela criança propiciarem um ambiente rico em interações – prestar atenção na criança, conversar e manter um diálogo com ela durante o primeiro ano de vida –, isso será fundamental para o desenvolvimento do vocabulário e das habilidades de comunicação, essenciais para o aprendizado escolar e para a vida. Corroborando essas reflexões, Suskind (2022, p. 126) afirma que

[...] construindo fortes conexões cerebrais no primeiro ano de vida é como se estivesse criando o disco rígido de um computador. Com um bom processador de velocidade e capacidade de memória, você será capaz de adicionar novas informações o tempo todo (tradução nossa)⁵.

Sabemos que questões de ordem econômica, social e familiar, influenciam enormemente no dia a dia das famílias, afetando a interação e a comunicação entre os membros da própria família. Temos plena ciência também de como é difícil conciliar trabalho com responsabilidades familiares. A construção de uma rede de apoio é crucial para que as famílias se sintam acolhidas e possam contar com o suporte necessário para cuidar e educar seus filhos de forma colaborativa. As creches aparecem aqui como fator essencial nessa jornada e ocupam também papel primordial no que tange ao desenvolvimento do cérebro infantil.

Importante frisar a importância da qualidade do serviço prestado tanto na creche pública quanto na privada, pois, como dito anteriormente, a janela de oportunidades para o desenvolvimento da linguagem acontece entre os 18 e 24 meses, fase em que a criança começa a falar mais, aprende novas palavras e, portanto, necessita de maiores estímulos e interações para continuar aumentando seu repertório linguístico e cognitivo. É imprescindível que os pais tenham isso em mente na hora de escolher a creche para seus filhos. Que estas possuam profissionais com formação adequada, tanto na área de cuidados como na educação de crianças nessa faixa etária, principalmente no que tange ao desenvolvimento cognitivo e da linguagem.

⁵ “[...] building strong brain connections in the first years of life is like creating the hard drive of a computer. With good built-in processing speed and memory capacity, you will be able to add software updates indefinitely.”

Países com políticas públicas robustas para a primeira infância, com creches gratuitas, licenças parentais remuneradas e atendimento integral gratuito à saúde materno-infantil, investem no futuro da sociedade, garantindo um desenvolvimento humano mais justo e equitativo. Essas crianças terão todo o apoio necessário tanto dos familiares quanto da sociedade para que cresçam de forma saudável, desenvolvendo todo seu potencial humano. De acordo com o projeto O impacto da intervenção de redução da pobreza na atividade cerebral infantil, desenvolvido pelo Banco Mundial em 2021 e coordenado por Michael Frank, da Universidade de Stanford, os países que oferecem todo esse suporte às famílias apresentam menos lacunas no desenvolvimento da linguagem entre as crianças ricas e pobres.

O pleno desenvolvimento cognitivo depende de um forte e prematuro desenvolvimento da linguagem. Quanto menores forem as lacunas existentes na linguagem entre as crianças ricas e pobres, beneficiará a sociedade como um todo, na forma de pessoas mais educadas e preparadas para o mercado de trabalho e para cumprir suas responsabilidades como cidadãos (Suskind, 2022, p. 140; tradução nossa)⁶.

As funções executivas do cérebro responsáveis pelas emoções e o comportamento podem ser trabalhadas também pelos pais, educadores e responsáveis desde o nascimento da criança. Isso demanda um ambiente calmo, afetuoso e acolhedor, ao contrário de um ambiente repleto de ansiedade, com críticas sem fundamento, violento e cheio de palavras negativas. Esses comportamentos negativos atrapalham o desenvolvimento do circuito do cérebro que sustenta as funções executivas, pois esse circuito é extremamente sensível a mudanças nas emoções e no comportamento.

O processo de desenvolvimento dessas funções executivas é demorado e se desenvolve em partes específicas do cérebro, principalmente no córtex pré-frontal, a última área do cérebro a amadurecer, e seus frutos serão sentidos no dia a dia, principalmente durante a vida escolar da criança, do jovem e no ambiente de trabalho, onde terá que lidar com regras, frustrações, demandas e estresse. As habilidades da criança, de controlar suas emoções e comportamento, acontecem tanto com a maturidade do cérebro quanto com a ajuda dos adultos, pois serão eles que servirão

⁶ “Since strong cognitive development flows from strong early language development, those smaller language gaps benefit all of society in the form of a more educated workforce and other positive public outcomes.”

de modelos para a criança no dia a dia, promovendo estabilidade e rotinas tão importantes no desenvolvimento socioemocional.

O que acontece conosco especialmente nos anos iniciais de vida, constrói e estabelece a resposta do corpo para o estresse pelo resto de nossas vidas. É um processo de desenvolvimento cumulativo que poderá ter consequências a longo prazo e gerar perturbações precoces (Suskind, 2022, p. 146; tradução nossa)⁷.

Para que as famílias possam oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento integral de seus filhos, é fundamental que as instituições públicas garantam o acesso a creches de qualidade, licenças parentais remuneradas e programas de educação parental, liberando tempo e recursos para que possam dedicar-se às interações diárias, tão importantes para o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças.

É sabido que o estresse durante o período de gestação também influencia na carga genética recebida pelo bebê:

Caso a gestante passe por muito estresse durante a gestação, isso poderá acarretar uma mudança na programação genética da criança. Quanto mais estressados os pais estiverem, maior a probabilidade de as crianças desenvolverem problemas mentais, tais como ansiedade e depressão (Suskind, 2022, p. 152; tradução nossa)⁸.

Faz-se necessário, no processo de desenvolvimento da linguagem e das funções executivas, um ambiente calmo e estável para as crianças crescerem, assim como ter pais com uma saúde mental equilibrada para propiciar esse ambiente adequado. Daí a importância das políticas públicas para dar proteção tanto às crianças quanto aos adultos que cuidam delas. Dessa forma, as crianças estarão mais aptas a regular suas respostas emocionais frente às situações estressantes. O desenvolvimento saudável do cérebro é condição fundamental para o ser humano poder usufruir seu direito inalienável de igualdade de condições. Candido (2011, p. 172) afirma que

⁷ "What happens to us at particular points in life, especially in the critical early years, sets up the body stress responses for the rest of our lives. It is a cumulative process of development, but there are long-term consequences for early disruptions."

⁸ "If mothers experience stress while pregnant, that stress can affect which genes are expressed in their children once they are born- it can change their genetic programming, in other words. The more stressed parents are, the more likely young children are to have mental health issues such as anxiety and depression."

Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra. Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e, no entanto, não se empenhar nela. Mas, de qualquer modo, no meio da situação atroz em que vivemos, há perspectivas animadoras.

Os pais exercem uma contribuição importantíssima para a sociedade, pois são eles que irão criar as futuras gerações de cidadãos que constituem a sociedade em que estamos inseridos. Portanto, se a sociedade enxerga e valoriza o papel relevante dos pais nesse processo de construção de uma sociedade mais justa, mais saudável e mais igualitária, faz-se necessário que as instituições que fazem parte da sociedade invistam, apoiem e acolham as crianças desde o nascimento, assim como as famílias, para que elas possam assim oferecer um ambiente de aprendizado, amoroso e saudável as crianças. "Para garantir o futuro de nossas crianças e o nosso próprio futuro como nação, precisamos investir nas crianças hoje, desde o nascimento" (Suskind, 2022, p. 187; tradução nossa)⁹.

Ao ser a primeira mulher diretora de ensino médio na Califórnia, a educadora norte-americana Ethel Percy Andrus demonstrou que é possível transformar a realidade. Para ela, a insatisfação com o *status quo* era o primeiro passo para a ação. Se não estamos contentes com como as coisas são, devemos nos mobilizar para construir um futuro melhor, acreditando no poder da ação individual e coletiva para transformar a sociedade, pois, segundo Candido (2011, p. 174),

[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo.

Faz-se necessário conectar as várias instituições que fazem parte da sociedade para que a rede de apoio chegue até as crianças e as famílias de forma holística.

⁹ "To endow our children's futures and our own future as a nation, we must invest in children today, from birth."

Um fator importante nessa rede de apoio seria oferecer educação aos pais desde o pré-natal e continuar durante as consultas pediátricas, com o objetivo de fortalecer e garantir a educação e os cuidados da criança desde o nascimento. Quanto mais conhecimento e informação os pais tiverem, maior capacidade terão de entender a importância das interações diárias com os bebês e as crianças para o desenvolvimento da linguagem e do cérebro infantil e seu papel fundamental nesse processo, para que, assim, possam colocar essas ações em prática o mais cedo possível.

Antonio Candido, em seu ensaio "O direito à literatura" (2011), faz menção ao ponto de vista do sociólogo francês, o padre dominicano Louis-Joseph Lebret, e sua distinção entre "bens compressíveis" e "bens incompressíveis", que estão ligados à questão dos direitos humanos. Bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém, como alimento, casa, roupa, educação, saúde, liberdade individual, ou seja, que garantem a sobrevivência física e a integridade espiritual do ser humano. Bens compressíveis seriam os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas, enfim, coisas que não são essenciais para a sobrevivência do ser humano. Como destacado por Candido, a saúde e a educação fazem parte dos bens incompressíveis que deveriam estar ao alcance de todos, pois fazem parte dos direitos humanos.

Portanto, é preciso ter critérios seguros para abordar o problema dos bens incompressíveis, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista social. Do ponto de vista individual, é importante a consciência de cada um a respeito, sendo indispensável fazer sentir desde a infância que os pobres e desvalidos têm direito aos bens materiais (e que, portanto, não se trata de exercer caridade), assim como as minorias têm direito à igualdade de tratamento. Do ponto de vista social é preciso haver leis específicas garantindo este modo de ver (Candido, 2011. p. 175-176).

Fica clara, aqui, a importância do papel das instituições no cumprimento das leis para que todos possam exercer seu direito pleno em todas as instâncias de suas vidas. A sociedade precisa investir recursos tanto na área da saúde como na área social com o intuito de promover uma melhor qualidade de vida a todos e não somente àqueles que têm poder econômico para isso. As condições sociais geralmente andam juntas com as condições econômicas, pois renda familiar, riqueza e educação estão muito ligadas com a realidade familiar. Portanto, os países que oferecem a seus

cidadãos uma rede de proteção adequada irão promover uma sociedade mais justa e equalitária.

2.2 O papel da família no desenvolvimento da linguagem

Podemos afirmar que a linguagem é um modo/meio de comunicação e expressão utilizada pelos seres humanos para expressar sentimentos, pensamentos, emoções, desejos, conhecimentos e informações. Os seres humanos têm uma predisposição inata para a aquisição da linguagem, porque, desde o nascimento do bebê, as bases cerebrais da linguagem já se encontram presentes. Desse modo, as crianças processam a linguagem desde o nascimento, pois, ao ouvir as vozes humanas, conexões são estabelecidas no cérebro, propiciando o desenvolvimento do seu sistema linguístico

Portanto, é essencial que os bebês recebam estímulos de linguagem desde o nascimento, por meio das interações diárias entre pais e bebês e diferentes estímulos existentes em seu meio ambiente, para que possam desenvolvê-la naturalmente, sem necessidade de nenhum tipo de instrução formal e, assim, comunicar-se com seus semelhantes.

As crianças, no processo de aquisição da linguagem, exploram as diversas possibilidades das palavras e se expressam de maneira compreensível muito antes de conhecerem as regras da língua materna. Quando começam a juntar palavras para se expressar, o fazem de maneira criativa, usando regras que fazem sentido para elas e não como uma repetição mecânica do que ouvem no meio onde estão inseridas. Daí a importância dos estímulos e respostas positivas oferecidas pelos pais às tentativas de expressão oral da criança, para que ela possa se expressar de forma livre e espontânea.

O desenvolvimento da linguagem está ligado ao pensamento e, dessa forma, quando os pais conversam de maneira natural com seus filhos, durante as atividades diárias que realizam juntos, estão propiciando o desenvolvimento de conceitos e palavras, ou seja, são estabelecidas as conexões cerebrais que relacionam as palavras com o objeto. Portanto, as experiências pessoais e o ambiente em que a criança está inserida exercem uma influência fundamental no desenvolvimento da linguagem e, por conta disso, cada pessoa utiliza a linguagem de maneira diferente. A linguagem é utilizada também para a resolução de problemas e conflitos, além de

ter uma função reguladora, ou seja, transmitir as regras e normas estabelecidas pelos adultos.

A leitura de histórias feita pelos pais diariamente, desde a mais tenra idade, proporciona o desenvolvimento da linguagem, o enriquecimento do vocabulário, o conhecimento das estruturas gramaticais, desenvolve a atenção e a memória e possibilita várias experiências, entre elas, sonhar, imaginar, fantasiar, despertar paixão, criar, refletir, desenvolver a empatia, além de estreitar os laços afetivos e amorosos entre eles.

Como dito anteriormente, as consultas pediátricas ocupam um espaço importante, tanto no que se refere aos cuidados da criança quanto à educação dos familiares. Existe um programa nos Estados Unidos, chamado Reach Out and Read (Alcance e Leia), fundado em 1989, que utiliza os livros infantis nas consultas pediátricas regulares, com o objetivo de promover o desenvolvimento da linguagem, do cérebro e estreitar a relação entre as crianças e seus pais. Quando as famílias chegam ao consultório, a recepcionista recebe as crianças anunciando que irão ganhar um livro. O pediatra, por sua vez, presenteia a criança com um livro próprio para sua idade e a observa manipulá-lo durante a consulta. Durante a consulta, o pediatra conversa com os pais sobre a importância das interações familiares, sobre a relevância de lerem para seus filhos, e algumas estratégias de leitura que promovem o encontro amoroso, entre eles e com a literatura, tais como conversar sobre a história e dar voz as crianças para que possam expressar seus sentimentos e ideias. O programa também mantém parcerias com bibliotecas locais, incentivando as famílias a frequentarem esses locais para que, assim, possam aumentar e estreitar o contato com o mundo da literatura (Suskind, 2022).

Outro programa bastante importante, chamado Books from Birth (Livros desde o Nascimento), acontece nos Estados Unidos, mais especificamente na cidade de Washington, D.C, com o objetivo de desenvolver desde cedo as competências de leitura e escrita. As crianças menores de cinco anos que moram no Distrito de Columbia recebem, todo mês, pelo correio, um livro gratuitamente. O programa é difundido aos pais no próprio hospital onde a criança nasce. Ao preencherem o formulário da certidão de nascimento, existe a opção de participar do programa organizado pela prefeitura do Distrito de Columbia, em parceria com a Biblioteca Pública. Os pais também têm a opção de preencher o formulário *on-line*.

Essas iniciativas são muito importantes porque proporcionam aos pais, além do conhecimento necessário sobre a importância da leitura para o desenvolvimento do cérebro e da linguagem, a construção de um acervo de livros da criança, garantindo, assim, o acesso à literatura de qualidade estética e literária.

Quando os pais leem para os filhos, com toda a atenção necessária, ou seja, num contexto de atenção recíproca, estão proporcionando, além da leitura da história e todos os benefícios advindos dela, um olhar compartilhado que se desenvolve durante a leitura. Conforme Wolf (2019, p. 151), “Com um mínimo de esforço consciente, as crianças aprendem a voltar sua atenção visual para aquilo que está sendo olhado pelos pais ou cuidadores, sem perder nada de sua própria curiosidade e comportamentos exploratórios”. Alguns pesquisadores da ontogênese da linguagem, como o filósofo Charles Taylor, acreditam que a atenção compartilhada é uma condição importantíssima para o aprendizado humano da linguagem e um dos traços mais importantes da evolução humana.

Quando o adulto lê para a criança, ela também é exposta a múltiplas representações das informações, tais como, os sons das palavras, as diferentes formas visuais das letras, os diferentes sentidos das palavras que serão fixados pelo cérebro e reforçadas e consolidadas a cada nova leitura. Segundo Wolf (2019, p.186), “A repetição estimula o crescimento de representações de alta qualidade que vão desde os fonemas e grafemas – letras, até os sentidos das palavras e as formas gramaticais”.

Quando falamos com a criança, ela é exposta às palavras do dia a dia, a fala coloquial, mas quando lemos histórias para ela, proporcionamos a exposição a sentenças e vocabulário mais ricos e elaborados que, na maioria das vezes, não são encontrados no seu cotidiano. Os livros, dessa maneira, proporcionam e apresentam uma riqueza lexical e sintática maior do que a encontrada na linguagem oral e audiovisual. De acordo com Desmurget, ao longo do tempo, com a prática leitora, a riqueza lexical e sintática existente nos livros é inserida nas estruturas cerebrais da linguagem. Ele também afirma que “[...] na pessoa letrada, o texto escrito não é somente uma alternativa às vias auditivas. Ele é quase uma segunda língua a ser adquirida; uma língua mais rica, sutil, potente, reflexiva e precisa” (2023, p. 94).

Evidencia-se que, quanto maior for a experiência dos bebês e crianças com os livros e as histórias, maior será a aquisição do vocabulário e conhecimento, que, por sua vez, propiciarão um repertório mais rico e diversificado para que possam acessar

com fruição uma variedade de gêneros de textos. Além de propiciar possibilidades de imaginar, criar, fantasiar e compreender as diferentes realidades existentes. Para Debus e Gonçalves (2018, p. 126),

A proximidade das crianças com os livros e com todo o universo cultural que as circunda deve acontecer desde muito cedo, quando ainda bebês. Os pequenos se interessam pelo mundo que os cerca, mostram-se curiosos e investigativos, desejosos de manusear o livro, de experimentá-lo e de senti-lo. Logo, a familiaridade que as crianças estabelecem com os livros proporcionará a elas experiências múltiplas.

Considerando a materialidade do livro, ela permite o envolvimento do corpo como um todo, pois, além de ver, a criança cheira, ouve, sente e saboreia os livros; essa materialidade possibilita também que o livro se torne brinquedo nas mãos dos pequeninos pela capacidade da imaginação infantil. Tudo isso permite uma compreensão global do texto lido e uma experiência única com o objeto livro. Importante ressaltar a relevância do adulto mediador nesse processo de compreensão e respeito pela maneira da criança explorar e ler e, ao mesmo tempo, mediar a leitura. Consequentemente, as experiências iniciais com o livro e com as histórias proporcionam o início da vida leitora da criança, assim como as sementes para se tornarem cidadãos do mundo.

A educação que faz das pessoas cidadãos do mundo precisa começar cedo. Assim que as crianças se envolvem na narrativa de histórias, podem contar histórias sobre outros países e outros povos [...] podem aprender [...] que existem outras religiões além do judaísmo e do cristianismo, que as pessoas têm muitas tradições e modos de pensar [...]. À medida que as crianças exploram histórias, rimas e cantos – especialmente na companhia dos adultos amados –, são levados a perceber o sofrimento de outras criaturas vivas com um interesse renovado (Nussbaum, 1977, p. 69-93).

Os livros, de uma maneira geral, e principalmente os de ficção, permitem que o leitor se envolva e se entregue de tal maneira na história, oferecendo, segundo Desmurget (2023, p. 100), “[...] que ele experimente uma variedade de sentimentos (empatia, raiva, alegria etc.), estimulando áreas cerebrais que seriam ativadas se ele estivesse confrontando essas situações na realidade”. Além disso, conforme o autor, os livros de ficção são o meio mais eficaz de alimentar a linguagem e as habilidades de leitura dos alunos em qualquer idade, pois, se o cérebro da criança não for exposto

especialmente a livros de ficção, seu desenvolvimento linguístico e sua capacidade de aprender a ler serão muito comprometidos. Pois, conforme afirmado anteriormente, há muito mais riqueza linguística nos livros do que na linguagem oral utilizada diariamente.

Dessa forma, tanto os bebês quanto as crianças dependem dos adultos responsáveis por elas para que possam adentrar ao mundo maravilhoso das histórias e dos livros e, assim, serem capazes de continuar usufruindo dessa experiência por meio de sua prática pessoal como um leitor competente.

Faz-se necessário propiciar, durante os primeiros anos de vida da criança, um ambiente seguro, amoroso e rico em interações para que possa desenvolver plenamente sua linguagem e todo seu potencial humano. Portanto, as políticas públicas, tais como licença maternidade e licença paternidade remuneradas, creches gratuitas, licença saúde e serviço de saúde gratuito, precisam ser colocadas em prática para que as famílias tenham condições de cuidar de seus filhos da maneira mais apropriada possível, para que eles cresçam e tenham condições de se tornar cidadãos educados para exercer seus direitos e deveres. Conforme Wolf (2019, p. 178),

A sociedade precisa investir em programas mais abrangentes para a primeira infância, com profissionais mais altamente qualificados, antes que as primeiras grandes lacunas na linguagem e no conhecimento se tornem permanentemente consolidadas na vida de milhões de crianças.

A sociedade precisa investir nas crianças, nas famílias e nas comunidades, para que possamos garantir o desenvolvimento pleno do cérebro infantil. De acordo com a neurocientista Joan Luby, da Universidade de Washington, nos Estados Unidos, o desenvolvimento saudável do cérebro representa a fundação da nossa civilização e, talvez, não exista nada mais importante que a sociedade precise fazer do que nutrir e proteger o desenvolvimento do cérebro de nossas crianças. Para ela, a ciência representa um mapa raro do caminho na preservação e suporte do legado mais importante da nossa sociedade, ou seja, o desenvolvimento do cérebro humano.

3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo [...]. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação (Borges, 1996, p. 37).

As crianças são um sinal. Elas são um sinal de esperança, um sinal de vida, mas também um sinal 'diagnóstico', um marcador que indica a saúde das famílias, da sociedade e do mundo inteiro. Onde as crianças são aceitas, amadas, cuidadas e protegidas, a família é sadia, a sociedade é mais sadia e o mundo é mais humano (Papa Francisco, 2015, n.p.).

Para que possamos colocar em prática os conhecimentos abordados nos capítulos anteriores sobre leitura, literatura, desenvolvimento cognitivo infantil e formação do leitor literário, faz-se necessário repertoriar os pais e familiares sobre eles para que, assim, possam colocá-los em prática no seu dia a dia no ambiente familiar e contribuir, dessa forma, com o trabalho desenvolvido pela escola e pelo professor. A reunião de pais surge como um espaço favorável, privilegiado e importante de necessária formação das famílias para o desenvolvimento de um trabalho de parceria e diálogo entre a escola, professor e família na formação do leitor literário. Consequentemente, ao acrescentar, ao seu papel tradicional, um caráter de formação dos pais, a reunião amplia seu escopo, transformando-se em um espaço de diálogo e construção *para e com* os pais.

3.1 Reunião de pais: sensibilização e formação dos familiares

Sou professora efetiva do Ensino Fundamental I da Rede Pública Estadual de São Paulo desde 2006, onde desenvolvo um projeto de formação de leitores do texto literário, por meio de um trabalho sistemático e contínuo de práticas de leitura, que incluem formações com as famílias, visitas a livrarias, bibliotecas e programas culturais.

Desde que ingressei na Rede Pública Estadual de São Paulo, tenho observado a falta do hábito e prazer na leitura em grande parte dos alunos que frequentam o ensino fundamental I, o que, na verdade, reflete um problema que atinge nosso país, haja vista os resultados da avaliação PISA de 2022 e da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024, elencados no primeiro capítulo desta pesquisa.

Sabe-se que a escola, juntamente com a família e o professor, desempenha papel fundamental na formação de leitores. Constatamos, infelizmente, por meio das pesquisas e avaliações, que essa formação não está ocorrendo como deveria. Faz-se necessário ressaltar a importância do papel da sociedade brasileira como um todo nesse processo, assim como a necessidade de políticas públicas que legitimem as práticas leitoras e as tornem passíveis de serem realizadas no ambiente escolar. Todos nós somos responsáveis *na e pela* construção de um país mais justo, onde a igualdade possa prevalecer como pilar da sociedade. Para isso, precisamos reivindicar e colocar em prática uma educação de qualidade para todas as crianças e jovens brasileiros, pois é por meio da educação que o conhecimento será adquirido e há a chance de uma melhoria da condição social acontecer. Conforme as palavras do jornalista J. R. Guzzo (2019, p. A12), "A igualdade não é um direito – é o resultado do que o cidadão aprendeu. Não há políticas públicas, nem vontade política, que possam resolver isso". Concordo com Guzzo quando ressaltar a importância da qualidade do ensino ofertado pela escola para a formação cidadã, pois, sem ela, a desigualdade, a pobreza e a concentração de renda irão se perpetuar. Consequentemente, o esforço de cada um é fundamental nessa caminhada.

Ainda que, muitas vezes, o ônus dessa situação seja atribuído ao professor, ele não pode ser visto como o único responsável pelo processo de formação de leitores. Portanto, objetivo, a partir da minha experiência em sala de aula e do cenário atual da educação brasileira, propor ações que contribuam para a mudança desse panorama, por meio de sugestões de práticas passíveis de serem concretizadas e, consequentemente, contribuir na formação e atuação sinérgica dos agentes envolvidos no processo de formação do leitor literário, colocando, para isso, como foco de observação, o papel desempenhado pela família.

Ao longo da minha trajetória, tenho observado, vivenciado e pesquisado a importância da participação da família no processo de ensino-aprendizado, assim como na formação do leitor. Por conta disso, desenvolvi uma metodologia de trabalho com as famílias, colocada em prática durante as frequentes reuniões de pais na Escola Estadual Conselheiro Antonio Prado, onde leciono desde 2008. O objetivo primordial desses encontros seria aproximá-las da escola, da vida escolar dos seus filhos e oferecer formação na área da leitura e literatura.

Durante o ano escolar, são realizadas, no mínimo, cinco reuniões de pais. A primeira acontece logo no início do ano letivo e as próximas a cada final de bimestre.

O objetivo das reuniões é comunicar aos familiares e responsáveis as informações referentes ao dia a dia na escola, recados, normas, assim como o trabalho pedagógico desenvolvido ao longo do bimestre. Para além disso, ressalto, aos pais e responsáveis, a importância de o trabalho ser essencialmente colaborativo. Em outras palavras, a sua participação é essencial no processo de formação de leitores. É uma parceria que se inicia no início do ano e perdura durante o ano letivo.

A formação leitora deve começar com a sensibilização dos pais sobre a importância da literatura no desenvolvimento de seus filhos. Para que sejam aliados nesse processo, é essencial que compreendam seu papel na construção do hábito de leitura, em vez de delegá-lo exclusivamente à escola e aos professores. É necessário fortalecer o protagonismo das famílias, oferecendo-lhes conhecimento e estratégias que os capacitem a exercer essa responsabilidade de maneira ativa e engajada.

3.2 Apresentação das práticas de leitura

Para que possamos formar leitores e leitoras do texto literário, várias práticas precisam ser trabalhadas de forma holística no ambiente escolar com a participação ativa das famílias, professor, aluno e gestão escolar.

Para esse intento, a reunião de pais é utilizada como espaço privilegiado de formação das famílias, onde o professor apresenta aos familiares sua metodologia de trabalho, enfatizando a importância de todos nesse processo ao longo do ano e a relevância dessa parceria para que o trabalho possa transcorrer de forma sistemática e contínua. Dessa maneira, o trabalho realizado pela família irá contribuir no cultivo e desenvolvimento do prazer e do hábito da leitura com as crianças, proporcionando continuidade ao trabalho desenvolvido na escola.

É preciso desenvolver um trabalho sistemático com a família desde o início do ensino fundamental para que possamos juntos – família e escola –, formar leitores do texto literário. Dessa maneira, o trabalho desenvolvido pela família irá ajudar a cultivar e desenvolver o prazer e hábito da leitura nas crianças iniciado pelo professor-mediador (Aliperti, 2023, p. 12).

Segundo Petit (2009, p. 22), “[...] a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina. Vários estudos demonstram que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”. É ainda a autora que ressalta que

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras [...]. O que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real (Petit, 2008, p. 140).

Evidencia-se, dessa forma, a importância da tradição familiar como incentivo à leitura e a relevância da mediação acontecer no seio da família na mais tenra idade da criança. Ademais, a valorização dada ao conhecimento pela família auxilia sobremaneira a apropriação da leitura pela criança.

3.2.1 O diálogo com os pais: espaço de construção

Na primeira reunião de pais, que acontece geralmente na terceira semana de aula, com os alunos presentes, costumo conversar rapidamente sobre minha trajetória profissional e acadêmica e sobre o trabalho que desenvolvo na área da leitura e literatura. Como é uma reunião com duração de uma hora, período esse estipulado pela direção da escola, não tenho tempo de detalhar o trabalho de formação de leitores que desenvolvo com os alunos ao longo do ano, pois preciso gerenciar o tempo para passar os comunicados da escola, as questões de cunho pedagógico e, ao mesmo tempo, tentar conhecer os pais e/ou responsáveis dos alunos. Esse trabalho, porém, será mais bem especificado e detalhado nas reuniões que acontecerão a cada final de bimestre.

Entretanto, nessa primeira reunião, converso sobre as práticas de leitura – Roda de leitura e Sala de leitura – que já estão sendo trabalhadas em sala desde a primeira semana de aula, para que os pais possam conhecê-las e, assim, iniciarmos nossa parceria, ressaltando a importância de trabalharmos juntos durante o ano escolar nessa jornada de formação de leitores do texto literário.

A formação dos pais na área da leitura e literatura começa, dessa forma, na primeira reunião de pais e continua durante as próximas reuniões que acontecem ao longo do ano. Costumo iniciar as reuniões lendo um poema ou história, seguida de conversa, com o objetivo de aproximar os familiares das histórias para que possam

vivenciar o mundo da literatura. Em algumas reuniões, inicio com uma história que faz parte do projeto "Mundo encantado das histórias", desenvolvido por mim e por Manoela Aliperti, durante a pandemia, para os alunos da escola. Gosto muito de ler o poema "Ou isto ou aquilo", da autora Cecília Meirelles (1964), que aborda a necessidade de fazermos escolhas diariamente. Aproveito a temática do poema para abordar, problematizar e fazer uma reflexão com as famílias sobre as escolhas que fazemos todos os dias em relação às nossas vidas e das nossas crianças. Alguns pais mostram-se surpresos com a leitura inicial enquanto outros apreciam a leitura.

Compartilho com os familiares as práticas de leitura desenvolvidas por mim durante o ano, para que possam conhecê-las e, assim, compreender o trabalho que desenvolvo na formação de leitores: Leitura diária do professor, Roda de leitura, Sala de leitura, Canto da leitura, Leitura compartilhada dos textos de História, Geografia, Ciências e Matemática, Leitura em sala de aula e Acervo da sala de aula.

Em relação às práticas Roda de leitura e Sala de leitura, explico a dinâmica e a importância do compartilhamento dos livros escolhidos pelas crianças durante a sala de leitura, que acontece uma vez por semana na escola. Dessa forma, o livro escolhido será, posteriormente, levado para casa pela criança, para ser lido individualmente e compartilhado também pela família. Cada uma dessas práticas tem duração de cinquenta minutos e elas acontecem toda semana.

Na primeira semana de aula, durante a Sala de leitura, os alunos escolhem um livro para ser levado para casa e lido individualmente e também com os familiares. Essa prática tem como objetivos: cultivar o prazer e hábito da leitura; desenvolver a autonomia leitora; propiciar o aumento do repertório linguístico e literário; desenvolver a linguagem oral e escrita; propiciar a socialização da leitura com a família e colegas; desenvolver atitudes éticas e cidadãs; e conhecer diferentes gêneros literários, autores e obras. O livro escolhido será registrado pela professora, assim como o nome do aluno e a data da retirada. Após essa etapa, o aluno terá o restante da aula para ler o livro escolhido para levar para casa ou outro de sua escolha disponível na sala de leitura. Poderá ler sozinho ou compartilhar a leitura com um ou mais colegas.

Na semana seguinte, antes da Sala de leitura, trabalhamos com a prática Roda de leitura. Nesse momento, cada aluno apresentará para a turma o livro que leu durante a semana em sua casa. Entretanto, antes da apresentação, o professor verifica se todos os alunos trouxeram o livro e pergunta se gostariam de continuar lendo o mesmo livro, ou escolher outro. Essa prática tem como objetivos:

planejamento da fala com o propósito de indicar a leitura de um texto após a apreciação do leitor; expandir repertório em relação aos diferentes gêneros de textos, autores, ilustradores, editoras e obras; respeito às diferentes opiniões; desenvolvimento do hábito e prazer da leitura; ampliação do repertório linguístico e literário; prática da escuta. Como a duração da aula é de 50 minutos, não é possível que todos os alunos apresentem o livro. Entretanto, aqueles que não conseguirem apresentar naquele dia terão a chance de fazê-lo na semana seguinte. No momento da apresentação, o professor se coloca junto ao aluno com o objetivo de ajudar na apresentação do livro, caso seja necessário.

Após a Roda de leitura, inicia-se a Sala de leitura, onde os alunos irão devolver o livro lido e escolher outro para levar para casa e aproveitar o tempo para apreciar diferentes leituras. Importante frisar que essas duas práticas são interligadas e acontecem toda semana ao longo do ano escolar. Os alunos que não tiveram oportunidade de participar dessas práticas nos anos anteriores têm um pouco de dificuldade de entender a dinâmica do trabalho e os objetivos envolvidos nas atividades. Mas, aos poucos, vão se familiarizando com as aulas e, com a ajuda da professora, se sentindo mais tranquilos e confiantes em relação à apresentação do livro aos colegas, que acontece durante a Roda de leitura. Os alunos começam também a apreciar e a gostar da oportunidade de poderem levar livro para casa toda semana. No início do ano, entretanto, alguns questionam a necessidade dessa prática, pois não estão acostumados com ela.

Segundo Petit (2008, p. 85), "A partir da infância é que a leitura começa a contribuir para a formação do espírito crítico e por meio da leitura aprende-se a importância dos exemplos da arte de argumentar, de debater". A autora afirma que "[...] a leitura pode reforçar a autonomia, mas o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe certa autonomia" (2009, p. 62). As reflexões apontadas por Petit são claramente observadas no comportamento e atitudes de vários alunos ao longo do ano, confirmando, assim, o poder e o alcance da literatura no desenvolvimento e formação do ser humano.

Ressalto, aos pais, a enorme importância de lerem para as crianças todos os dias e, se possível, que, após a leitura, haja conversa sobre a história. Conversa sem cunho pedagógico e, sim, sobre o que sentiram e vivenciaram durante a leitura. Saliento aos familiares a relevância desse momento aconchegante, de ternura, afeto e demonstração de amor na relação familiar, pois a leitura promove e preserva as

interações familiares. Converso também sobre a importância da leitura pessoal/individual da criança para a formação leitora.

Esclareço, ainda, sobre a necessidade de os pais servirem como modelo de leitores a seus filhos. Petit discorre sobre a importância da tradição familiar como incentivo à leitura, pois "[...] a maioria dos que leem viu e ouviu alguém ler durante a infância e manteve essa tradição familiar" (2008, p. 142).

Ressalto, ainda, em todas as reuniões a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem oral, linguagem escrita, da criatividade, imaginação, senso crítico, da empatia, da aquisição do conhecimento geral e da formação do ser humano.

A leitura torna as crianças mais inteligentes, mais cultas, mais criativas, mais aptas a se comunicar, a estruturar seu pensamento e a organizar suas declarações. Esses benefícios são observados tanto na escrita quanto na fala. Em outras palavras, a leitura não apenas melhora significativamente as habilidades de redação de seus adeptos. Ela também aprimora suas capacidades de expressão oral clara e organizada (Desmurget, 2023, p. 279-280).

No entendimento do autor,

No entanto, existem limites, e nem todos os conteúdos textuais se equivalem. Os impactos mais profundos são observados em relação aos livros, especialmente os livros de ficção. [...] Uma criança que não lê livros está irrevogavelmente condenada à superficialidade das elocuções comuns. Ela nunca poderá construir os pilares lexicais, sintáticos e ortográficos das linguagens avançadas, tão necessários para o funcionamento ideal do pensamento (p. 280).

Nos encontros com os pais, explico que a leitura acontece antes da alfabetização, ou seja, que é no contexto pessoal, nas experiências familiares, escolares, sociais e culturais que o leitor se configura. Essas experiências de vida iniciam-se durante a gravidez, e continuam após o nascimento da criança, num processo contínuo de leitura de mundo, constante, que irá repertoriar a criança durante toda sua vida escolar, pessoal e profissional. Conforme nos ensina Freire (1982, p. 22), "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Somente o conhecimento da língua não garante que a leitura se efetive. Faz-se necessário que haja essas diferentes leituras de mundo que habilitem o sujeito a organizar os conhecimentos adquiridos e

estabelecer relações entre suas experiências com as novas informações e conhecimentos. As várias leituras que fazemos do mundo ampliam nosso repertório e experiências e nos levam a descobertas de novas possibilidades de ação. Portanto, o leitor dá sentido ao que está lendo a partir da sua experiência pessoal, pois é a experiência do leitor que surge no momento da leitura, possibilitando que cada leitura tenha um significado e, nesse processo, ele se apropria de sua dimensão humana. Explicito, ainda, como a leitura contribui também para o desenvolvimento da autonomia, e na formação do cidadão crítico, ético, curioso e criativo.

Em relação à importância da literatura na formação do leitor literário, explico que a literatura conta a história da essência humana e, por isso, humaniza o homem e propicia um processo de reflexão. Que ela possui uma linguagem poética, que promove a sensibilização do sujeito por trabalhar a percepção e os sentidos e, por conta disso, possibilita sua transformação em um sujeito crítico, reflexivo, autônomo capaz de transformar sua realidade e se transformar. Que ela possui uma pluralidade de sentidos e, portanto, promove a busca dos diversos significados do texto. O leitor traz sua experiência de leitura de mundo no momento da leitura, o que o ajuda a preencher as lacunas existentes no texto e dar sentido a ele. Essa experiência possibilita que cada leitura ganhe um significado. A literatura desperta a interioridade do leitor, auxilia no processo de simbolização e propicia o respeito às diferentes formas de ver o mundo e diferentes opiniões, pois permite o contato com opiniões diferentes, que dialogam entre si. O texto literário, por possuir várias camadas significativas, permite e coloca o leitor no processo de significação do texto, tornando-o cocriador, uma vez que ele participa do processo de criação do texto. Essa participação criadora humaniza, forma e educa o ser humano, que, por conta disso, poderá atuar de forma ativa na sociedade.

Reitero aos pais, em todas as reuniões, o papel relevante que todos nós desempenhamos no desenvolvimento da formação leitora e cidadã de nossas crianças e jovens. E, conseqüentemente, a necessidade de começarmos a colocar em prática a leitura como parte essencial de nossas vidas para que todos possam colher os benefícios advindos dela. Assim sendo, quanto mais a criança tiver contato com diferentes gêneros de textos, maior será seu repertório e experiências, o que facilitará as aprendizagens e, conseqüentemente, o acesso a conteúdos mais ricos e complexos, que ampliarão sua leitura de mundo.

Dessa maneira, o trabalho de formação dos familiares ocorre de forma teórica e prática, pois tento ilustrar a teoria com o trabalho que desenvolvo em sala de aula com os alunos para que a formação seja significativa e real. Por conta disso, a sensibilização com a literatura inicia-se com a leitura da história e ou visualização do vídeo no início da reunião e continua ao longo da reunião. Essas formações acontecem em todas as reuniões de pais. Mas, infelizmente, nem todos os pais comparecem às reuniões. Por conta disso, preciso retomar alguns pontos importantes em todas as reuniões para permitir que todos tenham acesso às informações e conhecimentos relevantes para o processo de formação de leitores.

Vivemos em uma sociedade na qual, infelizmente, a leitura não é valorizada. Isso tem um impacto na formação do cidadão. Sendo assim, temos famílias que são leitoras, outras que não são por questões de falta de tempo, por questões socioeconômicas, por não valorizarem a leitura, enfim, encontramos diferentes tipos de famílias.

O papel da escola é o de aproximá-las da leitura e da literatura para que possam desenvolver e exercer seus direitos e deveres como cidadãos. Petit (2008, p. 148) discorre sobre a importância da leitura para o desenvolvimento da cidadania: "[...] a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, a tomada de distância, a reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania".

A sensibilização e a aproximação com a literatura acontecem também quando os pais leem com os filhos em casa, compartilhando e lendo o livro escolhido e levado pela criança da sala de leitura ou outro livro escolhido por eles em casa. O livro levado pela criança da sala de leitura para casa é o protagonista que proporciona a aproximação dos pais com a literatura, pois muitas famílias não têm condições de comprar livros, não frequentam bibliotecas e, muitas vezes, conseqüentemente, não valorizam o objeto livro. Dessa maneira, a escola garante o acesso aos livros pelas famílias e a criança atua como mediadora, levando o livro e aproximando a família da literatura.

Essas leituras feitas no ambiente familiar promovem o conhecimento de diferentes histórias, autores, editoras, ilustradores e tradutores e promove o desenvolvimento do hábito e prazer da leitura por todos, além de promover um ambiente aconchegante e afetuoso entre todos os envolvidos. Como exemplo dessa situação, trago o relato de uma aluna que levou para casa o livro *Cruzada das*

crianças, de Bertolt Brecht, no final de fevereiro de 2025, e compartilhou com a família toda. Ela leu para os irmãos, para os avós que, por sua vez, depois leram novamente. Quando a mãe chegou do trabalho, todos estavam lendo e conversando sobre o livro. A mãe ficou surpresa e quis saber sobre o que estavam conversando.

Tenho também relatos de alunas que leem para seus irmãos menores em casa, reproduzindo situações da sala de aula, ou seja, sendo modelos de leitores proficientes, seguindo o meu exemplo de sala de aula quando leio para eles todos os dias, por meio da prática que denomino “Leitura diária do professor”.

Sendo assim, quando a criança adquire o prazer e o hábito da leitura, ela atua como multiplicadora na família, pois, além de garantir o acesso à literatura de qualidade estética e literária para toda a família, proporcionada pelo livro levado toda semana da sala de leitura da escola, ela promove também a fruição dessa literatura pela família.

O trabalho com a família envolve todos esses fatores elencados anteriormente, ou seja, apreciação das histórias no início das reuniões de pais pelos familiares, através das conversas e formações proporcionadas por mim, durante as reuniões, e pelas crianças, no ambiente familiar, quando atuam como multiplicadoras.

Faz-se necessário ressaltar que o trabalho de formação leitora tanto da criança quanto da família faz parte de um processo que acontece ao longo do ano escolar e que precisa ser contínuo e sistemático e, acima de tudo, ter continuidade nos anos seguintes pelos professores da escola. Essa situação seria a ideal, entretanto, sabemos das dificuldades encontradas no ambiente escolar para colocar em prática tal empreitada. Uma delas seria a formação inicial dos professores, que não contempla muitas matérias na área da leitura e literatura e a falta de formação e apoio dos gestores escolares para transformar a escola em uma comunidade leitora.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades encontradas no ambiente escolar, continuo, ano após ano, aprimorando e colocando em prática o meu trabalho de formação de leitores, voltado tanto para os alunos quanto para os familiares. Se realmente queremos formar leitores para a vida, faz-se necessário um trabalho holístico entre a escola, o professor, o aluno e as famílias.

Converso também com os familiares sobre a necessidade de instituírem regras claras no ambiente familiar sobre a hora de dormir, na realização das atividades escolares, tempo que permanecem nas redes sociais e digitais, pois tudo isso interfere no processo de ensino-aprendizado. Tento mostrar que o trabalho que desenvolvo em

sala de aula em relação às regras e combinados precisam ter o respaldo dos pais no ambiente familiar.

Durante as reuniões, permaneço aberta a perguntas e dúvidas que possam surgir em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula e ressalto a importância da parceria entre todos nós ao longo do ano para a formação do leitor literário, para o processo de ensino-aprendizado e para a formação do cidadão.

3.2.2 Acervo de livros no ambiente familiar

Converso com os pais também sobre a importância de construir um acervo de livros no ambiente familiar para que todos possam ter acesso diariamente a livros de qualidade estética e literária, com temas, autores, gêneros diversos e com textos integrais, para que as crianças possam adquirir um repertório amplo e diversificado. Acreditamos que quanto maior a disponibilidade de acesso maior serão as chances de a criança ler.

Hoje está estabelecido que o número de livros disponíveis em casa é um forte fator de previsão não apenas do nível de leitura das crianças, mas também de seu sucesso acadêmico. Alunos que cresceram em um lar com uma grande biblioteca têm três anos de estudo suplementar quando comparados com indivíduos socioeconomicamente equivalentes criados em uma casa sem livros (Desmurget, 2023, p. 309).

O fato de os pais cultivarem o hábito da leitura e propiciarem um ambiente onde os livros estejam presentes demonstra a importância que dão à literatura e ao mundo letrado, beneficiando, assim, e sobremaneira, a formação leitora da criança e a possibilidade de usufruir dos bens culturais disponíveis nos livros. Segundo Desmurget (2023, p. 275), "De fato, qualquer que seja sua natureza (ficcional ou informativa), os livros cobrem uma enorme variedade de tópicos e, ao fazê-lo, fornecem um vasto reservatório de conhecimentos diversos".

O acervo proporciona o desenvolvimento do prazer e hábito da leitura, assim como a expansão do repertório linguístico e literário. [...] O acervo também permite que eles exerçam a autonomia no processo de escolha da obra e que entrem em contato com diferentes autores, obras e histórias (Aliperti, 2015, p. 74).

Acreditamos que a valorização da leitura pela família e o acervo proporcionado por ela no ambiente familiar são extremamente importantes no processo de formação de leitores.

Entretanto, o fato de a família valorizar a leitura e possuir um acervo no ambiente familiar seria suficiente para formar leitores? Essa é uma pergunta importante e complexa, no entanto, difícil de responder. Podemos presumir que as crianças e jovens que possuem livros em casa têm maior probabilidade de se tornarem leitores, do que aqueles que não possuem livros em casa. Porém, numa mesma família, onde todos têm acesso ao livro, há casos em que um ou mais filhos possam não desenvolver o prazer e hábito da leitura por vários motivos.

Não podemos controlar todas as variáveis existentes nessa caminhada rumo à formação de leitores, mas podemos, com certeza, oferecer oportunidades por meio das formações para que os pais e familiares possam se tornar protagonistas juntamente com seus filhos no processo de se tornarem leitores do texto literário e da vida.

3.2.3 Importância dos programas culturais

Converso, durante as reuniões, sobre a importância dos programas culturais para a formação do leitor, do cidadão, para o processo de humanização do sujeito e para o processo de ensino-aprendizado. Visitas a museus, galerias de arte, exposições, teatro, cinema, exhibições de música e dança, bibliotecas, livrarias e viagens, contribuem para ampliar a leitura de mundo. "Esse conhecimento, por sua vez, ajudará a aprimorar o processo de leitura, beneficiando o desenvolvimento de um cidadão criativo, ativo, reflexivo e crítico, capaz de exercer sua cidadania de uma maneira plena, com deveres e direitos" (Aliperti, 2015, p. 75).

Os bens culturais pertencem a todos, mas, infelizmente, numa sociedade desigual como a nossa, nem todos têm acesso a eles por diversos motivos. Um deles seria o fato de acharem que não pertencem a esses espaços. Alguns anos atrás, coordenei uma visita à Pinacoteca de São Paulo, na qual alunos de duas turmas da escola onde leciono puderam participar de uma visita monitorada ao museu. Antes da visita, tomamos lanche no Parque da Luz. Durante o lanche, uma das minhas alunas comentou que costumava frequentar o parque com sua família durante os finais de semana. Perguntei se já havia estado no museu com a família, e a resposta foi

negativa. Na semana seguinte, a mesma criança veio contar toda alegre que havia visitado o museu com a família. Fiquei muito feliz com a notícia.

Esse acontecimento ressaltou a importância do papel da escola em proporcionar acesso aos alunos aos espaços culturais, ou seja, ao mundo das artes, para que possam ser incluídos e se beneficiar desse universo e, ao mesmo tempo, incluir a família. Minha aluna conversou com os pais sobre a visita e os incentivou na semana seguinte a conhecer o museu. Dessa forma, a visão de mundo dessa família foi ampliada porque tiveram a oportunidade de conhecer um universo cultural rico e diversificado. Conforme as palavras de Candido (1995, p. 258), "Quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um".

Portanto, nosso trabalho como educadores é o de incentivar e promover a participação de nossos alunos nesse mundo cultural, no intuito de que possam usufruir e se beneficiar dele. O papel da escola é proporcionar oportunidades para que tanto o aluno quanto a família possam usufruir das criações artísticas, tanto as ditas populares quanto as chamadas eruditas, a fim de que adquiram conhecimento e experiência (Aliperti, 2015, p. 76).

Partindo desse pressuposto, reitero, em todas as reuniões de pais, a importância e os benefícios dos programas culturais e a necessidade de ampliar o repertório cultural através da experiência e da exposição ao mundo das artes – teatro, cinema, dança, literatura, música, artes plásticas. O mundo das artes possibilita a humanização do ser humano, contribui para que suas necessidades básicas sejam satisfeitas e enriquece sua percepção e visão de mundo. Candido entende que humanização

[...] é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a recepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (1995, p. 249).

O autor também afirma que "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (1995, p. 263).

Os programas culturais repertoriam as crianças para a leitura de diferentes gêneros de textos, não somente para a leitura de textos literários. Esse repertório auxilia no processo de significação do texto, pois o leitor traz sua experiência de mundo para dentro do texto lido, fazendo, assim, suas inferências, reflexões e entendimento das experiências vividas como leitor:

Para preencher as lacunas deixadas pelo autor, que são pré-determinadas ou pré-definidas por ele, o leitor precisa utilizar o seu repertório linguístico e literário, além do conhecimento social, cultural e histórico. É um movimento dialético, de modo que a obra de arte só existe quando é concretizada pela leitura, visto que o conteúdo está dentro do leitor, que se reconhece e faz a leitura de si mesmo. É a experiência do leitor que surge no momento da leitura, possibilitando que cada leitura tenha um significado (Aliperti, 2015, p. 54).

Além dos pressupostos teóricos e práticos sobre os programas culturais, aproveito a reunião para informar aos pais sobre alguns eventos culturais que estejam em cartaz naquele momento, assim como espaços culturais abertos ao público em geral nas redondezas da escola, como SESC Consolação, SESC Bom Retiro, Biblioteca Monteiro Lobato, Livraria Cultura, Livraria da Vila, entre outros espaços, para que possam frequentar juntos.

A participação dos pais e familiares nos programas culturais é de extrema importância, pois as crianças dependem deles para poder conhecer e frequentar os espaços públicos disponíveis na cidade. Quando os pais mostram interesse e reconhecem a importância de frequentarem com seus filhos o mundo das artes, ou seja, das criações artísticas, tanto as ditas populares quanto as chamadas eruditas, eles estão contribuindo para a aquisição de novos conhecimentos, para a ampliação do repertório cultural e para a leitura de mundo tanto das crianças quanto de si mesmos.

3.2.4 Importância das bibliotecas e livrarias

Converso com os familiares, durante as reuniões de pais, sobre o papel relevante das bibliotecas e livrarias no processo de formação do leitor e do cidadão. Esclareço que esses são espaços públicos, portanto, abertos ao público, e que todos têm direito de usufruir dos bens culturais existentes neles. Espaços que disseminam a informação, o conhecimento, a cultura produzida pela humanidade, assim como o

fomento ao interesse e gosto pela leitura de diferentes gêneros de textos e a descoberta do mundo das histórias para que sejam lidas, conhecidas e apreciadas. Faz-se necessário, portanto, ampliar o acesso à leitura e à escrita também por meio das bibliotecas, pois são elas "[...] os meios para a democratização do acesso, desde que se façam algumas transformações" (Castrillón, 2011, p. 22).

Segundo Petit (2008, p. 177), é preciso "[...] permitir a cada um o acesso a seus direitos culturais, o acesso a um universo cultural mais amplo", visto que

[...] o imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros. Quando se viveu sempre em um mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa, imaginar que se tenha o direito de almejar isso. Além do mais, quando se viveu nesse estreito registro de referência para pensar a relação com o que nos rodeia, a novidade pode ser vista como perigosa, como uma invasão, uma intrusão (2008, p. 179).

Tanto as bibliotecas quanto as livrarias possuem uma responsabilidade social, pois são espaços que propiciam encontros e conversas que promovem a reflexão e o questionamento tão necessários para a formação do cidadão crítico e do leitor literário. Espaços que não podem ser vistos apenas como espaços que propiciem acesso à informação, a oferta de atividades recreativas e apoio ao sistema escolar. Segundo palavras de Pierre Bourdieu (2011, p. 38), a biblioteca seria o espaço em que a leitura permita "o pensamento pensante", "o pensamento lento", contra o *fast thinking* imposto pelos meios de comunicação de massa. Poderíamos estender essa reflexão às livrarias também.

Converso com as famílias sobre a biblioteca ser um espaço público, que disponibiliza acesso aos livros de graça, portanto, sem necessidade de gastos adicionais. Entretanto, as livrarias, apesar de serem espaços públicos, não disponibilizam livros de graça, mas isso não deveria impedir o acesso daqueles que não podem comprar livros. Saliento a importância de frequentarem as livrarias para que se sintam pertencentes a esse espaço público, a fim de que possam conhecer o acervo de publicações existentes e usufruir das atividades culturais proporcionadas pelo espaço. Sugiro que, caso gostem de algum livro, poderiam anotar o nome e sugerir a sua compra na biblioteca do bairro que frequentam. Ou mesmo, ir juntando dinheiro para que possam comprar o livro desejado em outro momento. Comento também do preço acessível dos sebos disponíveis na cidade.

Essas conversas são importantes, pois ampliam o leque de opções em relação ao acesso ao livro, aos espaços culturais e auxiliam no processo de formação de leitores.

3.2.5 Leitura de livros nas férias escolares

Durante o ano letivo, os alunos devem levar toda semana um livro para casa para ser lido e compartilhado com a família. Essa atividade faz parte da prática de leitura Sala de leitura. Dessa maneira, a escola estaria garantindo o direito ao acesso ao livro pelos alunos de uma maneira contínua e sistemática, ajudando, assim, no desenvolvimento do repertório de leitura.

Desenvolvo essa prática com meus alunos toda semana, seguida da Roda de leitura, onde os alunos apresentam para os colegas o livro lido durante a semana em suas casas.

Para que essa prática de leitura possa continuar durante as férias escolares de julho, incentivo os alunos a levarem livros para casa para serem lidos durante as férias, pois o processo de formação de leitores não tira férias. Importante salientar que muitos dos nossos alunos não possuem livros em casa, por não terem condições de comprá-los, e por não terem o hábito de frequentar bibliotecas. Portanto, o papel da escola torna-se primordial no processo de formação do hábito e prazer da leitura pelas nossas crianças.

Há anos, coloco em prática "A leitura de livros nas férias escolares de julho" para meus alunos. Uma semana antes das férias de julho, durante a Sala de leitura, converso com eles sobre a possibilidade de levarem livros para casa durante as férias. Ressalto que não são obrigados a levá-los, porque essa proposta é desenvolvida por mim, e não pela gestão escolar. Caso queiram, podem levar mais que um livro. Eles ficam muito felizes com a proposta e geralmente escolhem mais que uma obra. Quando voltam das férias, alguns alunos perguntam se podem continuar levando mais que um livro para casa. Fico muito feliz com esse pedido, pois demonstra o quanto estão envolvidos com o mundo das histórias e dos livros.

Durante esse período, seria muito importante os familiares compartilharem as leituras das obras levadas pelas crianças, como o fazem ao longo do ano escolar, pois, assim, estariam ajudando sobremaneira na continuidade do trabalho de formação leitora. Como dito anteriormente, trabalho que não tem férias.

Richard Allington (2013), professor de Ciência da Educação na Universidade do Tennessee, nos Estados Unidos, sugeriu uma solução para o problema do impacto das férias de verão detectado no desempenho de leitura dos alunos de famílias desfavorecidas em contraste com os alunos de famílias privilegiadas financeiramente. Ele afirma que as crianças pobres não sofrem de falta de vontade, motivação ou habilidade, mas, sim, de desigualdade de acesso aos livros. Para validar sua tese, durante três anos consecutivos realizou um experimento de distribuição de livros no início das férias de verão com alunos de famílias desfavorecidas economicamente do ensino fundamental. No final do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental, aproximadamente mil alunos foram levados a uma feira de livros e escolheram 12 livros que seriam enviados pelo correio no primeiro dia de férias escolares. No final do estudo, as crianças envolvidas haviam lido mais e, portanto, o desempenho de leitura melhorou significativamente em comparação com o grupo de controle, que não havia recebido livros nas férias de verão. O benefício registrado equivalia a quase um ano de escolaridade (Allington *apud* Desmurget, 2023).

Muitos estudos indicam, conforme Desmurget (2023, p. 308), "[...] que o volume de leitura pessoal registrado durante as férias de verão explica entre 40% e 100% do ganho adicional de proficiência alcançado pelas crianças favorecidas ao longo dos cinco anos do ensino primário".

Consequentemente, uma iniciativa simples como essa, de acesso aos livros durante as férias escolares, tem o poder de transformar a vida de várias crianças, ou seja, tornarem-se leitores. Mas, não podemos nos esquecer do papel relevante dos pais nessa jornada, pois não basta a criança estar rodeada de livros. Ela precisa estar rodeada também de leitores que sirvam de modelos de leitores e as incentivem a adentrar ao maravilhoso mundo das histórias.

3.3 Papel do professor, da escola e da família na formação do leitor literário

Vários agentes são responsáveis pela formação do leitor literário. Numa visão macro, temos a sociedade como um todo. Partindo daí, elencamos as políticas públicas, o Ministério da Educação, faculdades de Pedagogia e Letras, secretaria da educação, diretoria de ensino, escola, professores, pais, familiares, alunos e toda a rede multidisciplinar, tais como psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, assistente

social e de saúde, necessários no suporte ao processo de ensino-aprendizado realizado pela escola.

Esses agentes precisam trabalhar holisticamente e sinergicamente para que haja o desenvolvimento da formação leitora, pois todos são responsáveis por ela. É como se fosse uma máquina, que precisa de todas as peças para funcionar. Caso uma peça comece a falhar, a estrutura toda começa a ficar comprometida. Com a educação e com a formação de leitores não é diferente, pois cada ação de um dos agentes afeta todos os outros. Como exemplo, poderia citar a responsabilidade do Ministério da Educação com a formação inicial dos professores de pedagogia e letras na área da leitura e literatura. Caso esses professores não tenham uma excelente formação nessas áreas, como poderão, quando estiverem atuando em sala de aula, formar leitores para a vida? A secretaria da educação, por seu lado, fornece uma formação permanente de qualidade aos professores voltada para a formação do leitor e do leitor literário? Os burocratas que elaboram as políticas públicas possuem formação na área para elaborar políticas públicas adequadas que realmente colocarão em ação as práticas necessárias para que nos tornemos uma nação leitora?

Precisamos, como cidadãos, pensar nessas questões importantes que afetam o funcionamento da máquina como um todo, porque se todas elas não estiverem funcionando e cumprindo suas responsabilidades, não conseguiremos construir um país leitor.

Em relação ao papel da escola, do professor e da família na formação do leitor, temos, aqui, três agentes que dependem dos outros agentes citados anteriormente, mas que atuam diretamente no dia a dia do fazer escolar, ou seja, no ambiente escolar, onde as práticas de leitura deveriam ser trabalhadas de forma sistemática e contínua por todos os envolvidos nesse processo. A escola ideal deveria ser aquela que proporcionasse as trocas de experiências, vivências, conhecimentos, onde todos pudessem aprender uns com os outros e aprender a aprender. Conforme Sagan (2006, p. 361), "Num mundo em transição, tanto os estudantes como os professores precisam ensinar a si mesmos uma habilidade essencial – precisam aprender a aprender". Complementando essa reflexão, Bajour (2012, p. 74) afirma que "[...] seria desejável que as próprias instituições educacionais abrissem tempos e espaços para que os escritos e as experiências dos professores circulassem, fossem discutidos e se difundissem".

O papel institucional da escola é formar leitores e garantir a inserção do aluno na cultura letrada, entretanto, como dito anteriormente, ela não é o único responsável por isso. Segundo Aliperti,

Um dos principais papéis da escola é o de garantir a inserção do aluno na cultura letrada, a fim de que possa exercer e se beneficiar dos deveres e direitos como cidadão. Não é essa oferta, entretanto, de modo geral, que observamos no dia a dia escolar (2015, p. 62).

Todavia, tanto a escola como o professor devem garantir a bibliodiversidade, ou seja, o contato com diferentes culturas, etnias, visões de mundo, pluralidade de ideias, que serão possíveis através de um trabalho sistemático e contínuo desenvolvido em sala de aula com diferentes autores, gêneros, histórias, editoras e ilustradores.

Tanto a escola como o professor devem garantir também a leitura dos textos integrais para que possam, assim, trabalhar a percepção e os sentidos do sujeito através do texto literário. O professor, com o apoio da gestão escolar, atuará como mediador nesse processo, cultivando o prazer e hábito da leitura nos alunos por meio das práticas leitoras em um ensino focado na reflexão, no diálogo e na construção do conhecimento significativo. O professor seria o iniciador no universo dos livros, pois atuaria como modelo de leitor competente, deflagrando, no aluno, uma curiosidade para torná-lo criador e coautor tanto das histórias como de sua vida. Consequentemente,

O objetivo principal da educação deveria ser o de trabalhar a percepção do sujeito, de educar os sentidos, o que poderia ser feito por meio do texto literário, visto que, conforme já discutimos, este trabalho contribui decisivamente para tornar o indivíduo em um ser crítico, criativo e ativo. Esse processo inicia-se, por sua vez, com o desenvolvimento da autonomia do aluno, o que pode ser feito por meio das escolhas de obras, passo importante para que possa continuar fazendo escolhas na vida. O professor necessita motivar o encanto da leitura no aluno, aproximá-lo das obras, para que possa apreciá-las, entendê-las e produzir sentido a partir do diálogo que ele faz com o texto. A partir do desenvolvimento desta autonomia, o indivíduo continuará praticando a leitura mesmo quando finalizar seu período de formação escolar. Assim, se a escola conseguir atingir esse objetivo, será responsável por formar o sujeito leitor, que, por sua vez, poderá influenciar na formação de outros leitores, dando sequência a um processo de formação contínua que acabará fazendo parte do dia a dia da escola e da família. Fica evidente, aqui, a importância do papel do professor-mediador desde os anos iniciais e durante a vida escolar

do sujeito para que, posteriormente, ele ganhe autonomia (Aliperti, 2015, p. 64).

Infelizmente, não é com essa realidade que nos deparamos atualmente no ambiente escolar brasileiro, haja vista os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024. Pesquisa que mostra também o declínio da participação dos pais nesse processo.

Todavia, a escola e os professores poderiam mudar esse cenário, ajudando a resgatar o protagonismo das famílias no processo de formação de leitores, por meio das formações na área da leitura e literatura realizadas durante as reuniões de pais e com atividades realizadas na escola com as famílias e os alunos ao longo do ano com o propósito de aproximá-las tanto do ambiente escolar quanto do mundo das histórias.

Faz-se necessário ajudar a família a assumir suas responsabilidades éticas, morais e educacionais em relação a seus filhos. A família precisa ter consciência da sua importância no processo de ensino-aprendizado e na formação do cidadão para assumir suas responsabilidades, de forma que o trabalho realizado pela escola possa acontecer, pois a escola sozinha não dá conta dessa empreitada. A escola, com a ajuda dos outros agentes responsáveis pela educação das nossas crianças e jovens, precisa conscientizar as famílias a assumir suas responsabilidades.

Entretanto, sabemos das dificuldades e limitações vividas pelas famílias, por questões socioeconômicas que afetam o protagonismo dos pais, como falta de trabalho, questões religiosas, sociais, econômicas, pela falta de tempo, pela falta de escolaridade, falta de formação na área da leitura e literatura, famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade, enfim, temos uma diversidade de famílias convivendo no mesmo ambiente escolar com realidades diversas. Por sua vez, a escola tenta lidar com todas essas questões, mas, infelizmente, não dá conta. Por isso, a necessidade e a importância de a escola receber o suporte de uma equipe multidisciplinar (assistente social, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, atendimento de saúde) e institucional, como Conselho Tutelar, Vara da Infância e Adolescência e Ministério Público, que apoiem a família nas suas necessidades, para que, dessa maneira, possa focar no processo de ensino-aprendizado, desenvolvendo ações pedagógicas necessárias que irão apoiar e dialogar com o trabalho desenvolvido pela equipe escolar.

Como exemplo desse tipo de ação pedagógica realizada pela escola, poderíamos ter políticas voltadas para a formação dos pais e familiares na área da leitura e literatura com o objetivo de formar leitores, situação na qual todos os professores, com o apoio da gestão escolar, participariam dessa ação. Atualmente, todos os professores fazem isso? Infelizmente, não. Eu, como professora, realizo essa formação todos os anos, com os pais e familiares dos meus alunos, ou seja, faço uma ação pontual, quando, na verdade, a escola deveria estar pensando em uma ação macro, por meio da qual todos os professores deveriam construir essa parceria com a família ao longo do ano e continuar no ano seguinte. A formação do leitor é um processo constante e, portanto, faz-se necessário desenvolver um trabalho contínuo e sistemático, tanto com o aluno quanto com a família, para que formemos leitores para a vida. De acordo com Aliperti:

Sensibilizar o professor e a todos que trabalham na escola para que o trabalho iniciado por um professor continue no ano seguinte é primordial. Por conta disso, a direção da escola necessita também ter uma boa formação na área da leitura, para, assim, poder orientar e cobrar a sua equipe com o propósito de manter a continuidade do trabalho durante a vida escolar do aluno. Para que isso possa ocorrer, pontua-se a necessidade da troca de experiência entre os professores e entre eles e a direção da escola sobre o trabalho desenvolvido (Aliperti, 2015, p. 66).

O trabalho holístico entre a escola, professor e família faz-se necessário no processo de formação leitora. Precisamos urgentemente resgatar o protagonismo dos pais na vida escolar de seus filhos.

3.3.1 Comunidade leitora na escola

Partindo-se do pressuposto que muitos pais não têm formação na área da leitura e literatura, e que sua participação no processo de formação leitora é essencial, faz-se necessário criar uma comunidade leitora na escola, por meio de projetos que aproximem os pais tanto do ambiente escolar quanto do mundo das histórias.

Ao longo do ano escolar, a equipe gestora e os professores poderiam organizar, aos sábados, encontros com as famílias e os alunos para, junto com os professores, participarem das seguintes atividades propostas:

- contação de histórias;
- vivências leitoras com os pais – Leituras de histórias seguidas de conversa, que podem ser feitas tanto pelos pais como pelos professores. Essa vivência ampliará o repertório leitor dos pais, pois terão a oportunidade de conhecer diferentes histórias, gêneros, autores, ilustradores e editoras;
- empréstimo de livros aos pais, para serem lidos no ambiente familiar;
- participação dos pais e familiares ao longo da semana, fazendo leituras de histórias na sala de aula para que os alunos tenham experiências de leitura com diferentes leitores e não somente a leitura diária feita pelo professor;
- participação dos pais nas visitas realizadas pela escola a livrarias e bibliotecas.

Esses são alguns exemplos de projetos possíveis de serem realizados no ambiente escolar que, juntamente com a formação dos pais na área da leitura e literatura realizadas durante as reuniões de pais, aproximarão os pais do mundo das histórias e trarão com certeza seu protagonismo no processo de formação leitora. Conforme Machado (2002, p. 11), "[...] diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passam a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi".

Conforme Machado pontua, a leitura vai configurando o sujeito ao longo de sua caminhada, mas, para que isso aconteça, o papel do mediador faz-se essencial.

A pesquisa traz a família como esse mediador – protagonista no processo de formar leitores para a vida. Acreditamos ser possível realizar esse trabalho nas escolas com a ajuda de políticas públicas que legitimem e garantam esse espaço de protagonismo e formação das famílias para que elas possam, juntamente com os outros agentes responsáveis nesse processo, formar leitores, cidadãos que possam usufruir seus direitos e deveres de leitores do mundo, que ampliem seu repertório e experiência que os levem ao descobrimento de novas possibilidades de ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese discorreu sobre a importância da leitura e da leitura do texto literário na formação do leitor – cidadão –, apontando para a relevância dos diferentes agentes responsáveis nesse processo e a importância de um trabalho holístico e sinérgico entre todos eles, apresentando propostas de ações vivenciadas no Ensino Fundamental I que trazem a família como protagonista nesse processo.

A escola, juntamente com a família e o professor, desempenha papel fundamental na formação de leitores. Mas, constatamos, infelizmente, que essa formação não está ocorrendo como deveria no ambiente escolar de acordo com os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), de 2022, e da 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024. Portanto, a tese propôs ações e sugestões de práticas passíveis de serem implementadas, que contribuem para a mudança desse panorama e que auxiliam na formação e atuação sinérgica dos agentes envolvidos no processo de formação do leitor literário.

Apesar de reconhecer a importância da sinergia entre todos os agentes envolvidos no processo de formação leitora e do leitor literário e do papel fundamental exercido pela escola nesse processo, a presente pesquisa evidenciou ser possível resgatar e fortalecer o protagonismo da família como elemento chave na trajetória de formação de leitores para a vida.

A maneira como a tese foi organizada e pensada, possibilitou a discussão tanto teórica quanto prática sobre a questão da leitura, da leitura do texto literário, das práticas de leitura utilizadas por mim durante as aulas e a importância do papel da família na formação do leitor – cidadão.

Possibilitou também abordar o papel da família no processo cognitivo da criança e no desenvolvimento da linguagem e a proeminência da interação familiar acontecer desde a mais tenra idade da criança. Esses fatores são importantíssimos na trajetória de vida da criança, pois promovem a ampliação da visão de mundo e a leitura de mundo que a auxiliarão na vida pessoal, acadêmica, social, profissional, humana e cidadã.

Para que todos esses conhecimentos abordados possam ser colocados em prática pelas famílias, para trabalharem em parceria e diálogo com a escola e os professores, a reunião de pais surge como espaço fundamental e privilegiado de

sensibilização e formação das famílias e também de diálogo e construção *para e com* os pais.

A pesquisa traz a família como esse mediador – protagonista no processo de formar leitores para a vida. Acreditamos ser possível transformar a escola em um ambiente leitor, com a ajuda e suporte imprescindíveis da gestão escolar, apoiando o trabalho dos professores, para que todos trabalhem com as práticas leitoras e de formação dos pais, além de políticas públicas de leitura. São iniciativas que legitimam e garantem esse espaço de protagonismo e formação das famílias, especialmente durante as reuniões de pais, para que elas possam, juntamente com os outros agentes responsáveis nesse processo, constituir leitores, cidadãos que possam usufruir de seus direitos e deveres, e leitores do mundo que ampliem seu repertório e experiência, levando-os ao descobrimento de novas possibilidades de ação.

Faz-se necessário, dessa forma, constituir políticas públicas que considerem a importância da leitura literária, bem como desenvolver estratégias – em nível macro –, possibilitando e apoiando, assim, as formações das famílias, realizadas em ambiente escolar por todas as escolas públicas do país. As reuniões de pais necessitam se transformar em um ambiente acolhedor, formador, de parceria, troca de experiências, aprendizado e escuta ativa entre professores, gestão e familiares, objetivando a contribuição de todos os envolvidos, em benefício do crescimento do aluno. Mas, para que isso aconteça, a escola necessita do respaldo e do suporte das políticas públicas. Importante salientar a necessidade de políticas públicas que garantam a formação inicial e continuada de qualidade para os professores de pedagogia e letras na área da leitura e literatura, preparando-os para atuar não somente com seus alunos, mas também com as famílias.

Acredito na escola pública como espaço privilegiado de aprendizado, socialização, intercâmbio de experiências, vivências, conhecimentos, respeito à diversidade, visões de mundo e formação cidadã. Consequentemente, a leitura e a literatura são os alicerces que sustentam e possibilitam que a escola cumpra suas responsabilidades e funções, juntamente com todos os agentes responsáveis na construção de um país menos desigual e leitor. Faz-se imprescindível trazer de volta o protagonismo que um dia a escola já ocupou no desenvolvimento de cidadãos críticos, reflexivos, empáticos, humanos, com direitos e deveres e responsáveis pela construção de uma nação democrática e igualitária.

Espero que minha pesquisa possa ajudar as famílias a acreditarem novamente em seu potencial, importância e responsabilidade na vida do bebê, da criança, do jovem e, conseqüentemente, na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e humana

REFERÊNCIAS

ALLINGTON, Richard; MCGILL-FRANZEN, Anne. **Summer reading: closing the rich/ poor reading achievement gap**. New York: Teachers College Press, 2013. (Language and literacy series).

ALIPERTI, Teresa Cristina. **O papel do professor** – mediador e das práticas de leitura na formação do leitor literário. 2015. 89f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14768>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ALIPERTI, Teresa Cristina França Domingues. O papel da escola, família e professor na formação do leitor literário. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p.1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/11489>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**. O valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARBOSA, João Alexandre. Literatura nunca é apenas literatura. *In*: BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginária**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Six memos for the next millennium**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988. 124 p.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DEBUS, E; GONÇALVES, F. Livros vivos nas mãos de crianças brincantes: muitas histórias para contar. **Horizonte**, v. 36, n. 2, p. 125-132, 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/507>. Acesso em: 7 abr. 2025.

DESMURGET, Michel. **Faça-os ler!** Para não criar cretinos digitais. Trad. Julia da Rosa Simões. São Paulo: Vestígio, 2023.

DIOS, Cyana Leahy. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. Niterói: Eduff, 2000.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil**: sexta edição. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

GIANNETTI, Eduardo. As tendências globais que estão moldando o mundo. **Canal Um Brasil**. 26 de abril de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hGLfH9LXq0s&ab_channel=CanalUMBRASIL. Acesso em: 7 abr. 2025.

GUZZO, J. R. Desigual. **O Estado de São Paulo**. 8 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/j-r-guzzo/desigual/?srsltid=AfmBOorizr6h5YRjPxYhCNF5hANsk5hQgHT228lcumnedpbEb0uMFm4e>. Acesso em: 7 abr. 2025.

JONES, Nashae. Je suis Noire, mère et enseignante, et je laisse mes enfants lire des livres racistes. **Le HuffPost Blog**, 8 maio 2021. Disponível em: https://www.huffingtonpost.fr/life/article/je-suis-noire-mere-et-enseignante-et-je-laisse-mes-enfants-lire-des-livres-racistes-blog_181137.html. Acesso em: 16 abr. 2025.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo**. Ilustrações de Thais Linhares. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

NAVAS, Diana; JUNQUEIRA, Maria Aparecida. **Livro Objeto**: pluralidade, potência. São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

NAVAS. Diana; JUNQUEIRA, Maria Aparecida. **Livro objeto e outras artes**. São Paulo: BT Acadêmica, 2021.

NUSSBAUM, Martha. C. **Cultivating Humanity**: A Classical Defense of Reform in Liberal Education. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1977, p. 69-93.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **PISA** - Programme for International Student Assessment. Paris: OCDE, 2022. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SUSKIND, Dana; DENWORTH, Lydia. **Parent Nation**. Unlocking Every Child's Potential, Fulfilling Society's Promise. New York: Dutton, 2022.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Trad. Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019. 256 p.

APÊNDICES – Testemunhos de pais de alunos

Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da E.E. Conselheiro Antonio Prado.

Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano letivo de 2023 com seus alunos.

EU GINTINA SENA de SOUZA Mãe da ALUNA ISABELLA SENA MACHADO DO 4º ANO B, A ISABELLA MELHOROU MUITO NA ESCRITA NA LEITURA, ELA NÃO TINHA INTEREÇE PELA LEITURA e eu PERCEBO que ISSO MELHOROU MUITO GRACAS A PROFESSORA TERESA, A DEDICAÇÃO que ela TEM com OS SEUS ALUNOS.

Eu como Mãe só TENHO A AGRADECER A PROFESSORA TERESA TODO CARINHO, TODA DEDICAÇÃO, TODA PACIÊNCIA e TODO O AMOR que A SENHORA CONDUZ AS SUAS AULAS, MUITO OBRIGADO POR TUDO.

HOJE ELA SAI NA RUA e Lê Tudo que vê pela FRENTE eu FICO muito FELIZ com ISSO, De ver a EVOLUÇÃO que ela Teve. --

AUTORIZO que meu Relato seja REALIZADO e DIVULGADO NA PESQUISA DE DOUTORADO da PROFESSORA TERESA CRISTINA ALIPERTI FRANÇA DOMINGUES.

GINTINA SENA de SOUZA

11/12/2023

**Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano
B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da
E.E. Conselheiro Antonio Prado.**

**Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano
letivo de 2023 com seus alunos.**

Muito obrigada professora ~~teresa~~ pelo incentivo na leitura com as crianças, no início do ano letivo Maria Laís era uma criança que tinha bastante medo, dificuldade, insegurança. Mas a partir do momento que você começou a por em prática a leitura na vida dela percebemos que ela desenvolveu bastante perdeu o medo, dificuldade em falar em público, a insegurança foi embora, hoje ela é mais segura e vejo isso no dia a dia dela a Maria Laís já conseguiu apresentar em peça de teatro onde ela conseguiu ~~mostrar~~ demonstrar seus sentimentos e transmitir muita segurança ao falar isso me deixa muito feliz como mãe.

Autorizo que meu relato seja utilizado e divulgado na pesquisa de doutorado da professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues.

Silvaneide Targino de Moura

11/12/2023

Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da E.E. Conselheiro Antonio Prado.

Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano letivo de 2023 com seus alunos.

MINHA FILHA MARIANA SI
DESENVOLVEL MUITO NA
ESCRITA E NA LEITURA
PORQUE ELA QUANDO ENTROU
NA ESCOLA NAO SABIA DE
DE NADA ENTAO ELA
EVOLVIU BASTANTE
ELA CONSEGUIU APRENDE
ALER E ESCRIVE
MELHOROU MUITO
TEM DIFICULDADE MAIS
ESTA APRENDENDO

AUTORIZO QUE MEU
RELATO SEJA UTILIZADO E
DIVULGADO NA PESQUISA DE
DOUTORADO DA PROFESSORA
TERESA CRISTINA ALIPERTI FRANÇA
DOMINGUES

ASSINATURA=EDLENE SOARES DA SILVA= 11-12-23

**Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano
B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da
E.E. Conselheiro Antonio Prado.**

**Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano
letivo de 2023 com seus alunos.**

Autorizo que meu relato seja utilizado
e divulgado na pesquisa de doutorado
da professora Teresa Cristina Aliperti França.
D.

Professora Zeiza Agradeço mucho por
tu paciencia para mi hijo. debio ser
difícil llegar ha enseñar con el portugues
en su primer año en Brasil.
el aprendio a comprender el poruques
entiende y habla. yo apoyare en este reseso
mery Calizaya Amileas Calizaya-
11/12/23.

**Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano
B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da
E.E. Conselheiro Antonio Prado.**

**Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano
letivo de 2023 com seus alunos.**

Nós, Andreea Oliveira Guerreiro e Marcos Eládio Oliveira
Guerreiro, pais e responsáveis da aluna Kataryna Oliveira
Guerreiro, relatamos através desta os benefícios e desenvolvi-
mento do trabalho de leitura e escrita no ano letivo de 2023
para a respectiva aluna Kataryna.

Este ano, pudemos observar e constatar uma forte mudança
em ambas as partes para a Kataryna.

No leitura, a Kataryna não apenas ampliou os seus conhe-
cimentos, mas também os seus interesses e curiosidades em
busca de novas horizontes. Além de qualificar a ortografia e va-
cabulário, ela se tornou mais livre em comentar e opinar so-
bre textos e livros, desenvolvendo dois senso crítico so-
bre diversos assuntos. Mais relevante ainda é a presença do
importante que o próprio aluno dá ao momento da leitura,
desde parágrafos, textos simples de livros.

É observado que durante estas leituras, a Kataryna tem a "ale-
gria" de pausar em determinadas trechos para refletir e até
mesmo dialogar com os familiares próximos sobre assuntos e
questões relevantes trazidas durante a leitura, transformando
assim a simples ato de ler em uma rede de conexão, onde
compartilhar e refletir também é aprendido por todos.

São visíveis também reflexos positivos na escrita. Além de me-
lhor estruturação de vocabulário, ortografia, especialmente na
escrita de textos, elaboração e criatividade e o uso adequado
destes nas processos de criação tanto na escrita como na or-
alidade.

Um mais belo foi percebermos que este trabalho trouxe novas
vivências e conhecimentos não apenas para o aluno, mas também
para nós, pais e familiares... Um trabalho que certamente o aluno
Kataryna levará consigo por toda a vida.

E como o próprio domo Kitarano diz: "dar é amar, e tudo!"
Gratidão, Professora Teresa!

Autorizamos que o relato seja utilizado e desenvolvido
na pesquisa de doutorado da Professora Teresa Gus-
tina Cliperti Franco Domingues.

Andréo Oliveira Guerreiro.



Marcos Flávio Oliveira Guerreiro.



São Paulo, 13 de Dezembro, 2023.

**Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano
B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da
E.E. Conselheiro Antonio Prado.**

**Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano
letivo de 2023 com seus alunos.**

A Drika melhorou muito ao longo do ano
a caligrafia dela melhorou bastante está lendo
bem gosta de ler, os livros que leva pra casa
ela lee pra irmã dela. esse ano ela está lendo
toda noite antes de dormir

Agradeço muito a professora Teresa porque
a minha filha melhorou muito com ela

Autorizo que meu relato seja utilizado e divulgado
na pesquisa de doutorado da profesora Teresa Cristina
Aliperti França Domingues

Andréia Mabel Godoy Franco
Assinatura

11-12-2023
Data.

Testemunho dos pais e/ou responsáveis dos alunos do 4º ano
B da Professora Teresa Cristina Aliperti França Domingues da
E.E. Conselheiro Antonio Prado.

Assunto: Trabalho de leitura e escrita desenvolvido no ano
letivo de 2023 com seus alunos.

Este trabalho foi muito importante
para o desenvolvimento de minha filha,
mantivemos o interesse pela leitura e melhora
em sua escrita, e o quanto é importante
que isso continue que competir com
a tecnologia tem sido um quanto difícil,
a leitura seja uma forma mais efetiva
de ensinar.

- Autorizo que meu relato seja
utilizado e divulgado na pesquisa
de doutorado da Professora Teresa
Cristina Aliperti França Domingues.

Giara Páz Leite

11/12/2023.

Giovanna Paz de Sales